



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS

GUILHERME GRIEBLER

A FEB EM CAXIAS DO SUL: O MUSEU ENQUANTO UM LUGAR DE MEMÓRIA

CAXIAS DO SUL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

G848f Griebler, Guilherme, 1989-
A FEB em Caxias do Sul : o museu enquanto um lugar de memória /
Guilherme Griebler. – 2018.
82 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em História, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia.

Coorientação: Profa. Dra. Cristine Fortes Lia.

1. Museus - Caxias do Sul (RS). 2. Memória coletiva. 3. Ex-
combatentes. 4. Sites da web. 5. História - Estudo e ensino. I. Herédia,
Vania Beatriz Merlotti, orient. II. Lia, Cristine Fortes, coorient. III. Título.

CDU 2. ed.: 069(816.5)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Museus - Caxias do Sul (RS)	069(816.5)
2. Memória coletiva	316.454.3
3. Ex-combatentes	355.1-057.36-057.75
4. Sites da web	004.774.6
5. História - Estudo e ensino	37.016:94

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Michele Fernanda Silveira da Silveira – CRB 10/2334

*A FEB EM CAXIAS DO SUL:
O MUSEU ENQUANTO UM LUGAR DE MEMÓRIA*

Guilherme Griebler

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História

Caxias do Sul, 26 de junho de 2018.

Banca Examinadora:

Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Antonio De Ruggiero
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dra. Eliana Gasparini Xerri
Universidade de Caxias do Sul

“A Segunda Guerra Mundial foi um dos conflitos mais devastadores da história da humanidade: mais de 46 milhões de militares e civis morreram, muitos em circunstâncias de crueldade prolongada e terrível. Nos 2.174 dias de guerra entre o ataque da Alemanha à Polônia em setembro de 1939 e a rendição do Japão em agosto de 1945, a esmagadora maioria daqueles que morreram, quer na frente de batalha, quer na retaguarda, tinha nomes e rostos obscuros, exceto para as poucas pessoas que os conheciam ou os amavam.”

Martin Gilbert

“Não quero deixar os nossos que se foram no esquecimento. Afinal, a mais cruel forma de morte é o esquecimento.”

Núncia Santoro de Constantino

RESUMO

A presente dissertação apresenta a ideia do uso de um site pedagógico como ferramenta de apoio para o Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, situado em Caxias do Sul - RS. Com objetivo de potencializar o uso pedagógico do museu, bem como colaborar para um aumento da visibilidade da instituição, a página funciona como um mecanismo de complemento e interpretação do museu físico, sem a intenção de substituí-lo. A proposta está dividida em três etapas, sendo a primeira um estudo sobre o contexto no qual o Brasil estava inserido até o início da guerra, aprofundando as ações políticas definidas no governo de Vargas até a entrada do Brasil na guerra. Esta etapa também traz para discussão o contexto no qual se inserem os pracinhas no Sul do Brasil. A segunda etapa trata da problemática da memória e os seus lugares onde estas são mais “intensas”, os chamados “lugares de memória”. A terceira aborda diretamente o Museu da FEB e suas estruturas, tanto organizacionais, quanto expositivas. O percurso do museu é dividido em oito passos, sendo que cada um deles explica os painéis que constituem a cronologia da participação brasileira na guerra. Para a construção do site foram utilizadas as mais diversas fontes que podem ser utilizadas para discutir o tema e esclarecer o papel dos pracinhas no conflito mundial, Entre essas fontes foram usados: filmes, livros, jornais, periódicos, documentos e artefatos que fazem parte da estrutura do museu. A proposta mostra a importância dessas diversas fontes para o ensino de história. O brasileiro desconhece a sua história, por isso possui uma memória frágil que se modifica facilmente e acaba não tendo muitos vínculos com o passado. O estudo mostra a riqueza do museu como lugar de memória e ferramenta para o ensino da história.

Palavras-chave: Museu. Lugar de memória. Força Expedicionária Brasileira. Pracinhas caxienses.

ABSTRACT

The present study presents the idea of the use of a pedagogical site as a support tool for the Museum of Ex-combatants of the Brazilian Expeditionary Force in World War II, located in Caxias do Sul - RS. In order to enhance the museum's pedagogical use, as well as collaborate to increase the visibility of the institution, the page functions as a complement mechanism and interpretation of the physical museum, without the intention of replacing it. The proposal is divided in three stages, the first one being a study about the context in which Brazil was inserted until the beginning of the war, deepening the political actions defined in Vargas' government until Brazil entered the war. This stage also brings to discussion the context in which small squares are inserted in the South of Brazil. The second stage deals with the problematic of memory and its places where these are more "intense", the so-called "places of memory". The third directly addresses the FEB Museum and its structures, both organizational and expository. The course of the museum is divided into eight steps, each of which explains the panels that constitute the chronology of Brazilian participation in the war. In order to construct the site, we used the most diverse sources that can be used to discuss the theme and to clarify the role of the squares in the world conflict. Among these sources were used: films, books, newspapers, periodicals, documents and artifacts that are part of the structure of the museum. The proposal shows the importance of these diverse sources for the teaching of history. The Brazilian is unaware of its history, so it has a fragile memory that changes easily and ends up not having many ties with the past. The study shows the richness of the museum as a place of memory and a tool for teaching history.

Keywords: Museum. Place of memory. Brazilian Expeditionary Force. Brazilian squares.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desfile dos soldados caxienses a caminho da guerra	41
Figura 2 - Desfile dos soldados caxienses a caminho da guerra	41
Figura 3 - Desfile dos soldados caxienses a caminho da guerra	42
Figura 4 - Página inicial do site	61
Figura 5 - Contexto da guerra.....	61
Figura 6 - A participação de Caxias do Sul	62
Figura 7 - Percurso do museu	63
Figura 8 – Localize-se.....	63
Figura 9 – Serviços do museu	64
Figura 10 - Galeria.....	64
Figura 11 – Sala de aprendizado	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	JUSTIFICATIVA	13
3	METODOLOGIA.....	20
3.1	FORMULAÇÃO DO SITE	23
4	CONTEXTO: A POLÍTICA DO ESTADO NOVO.....	25
4.1	CONTEXTO DOS PRACINHAS NO SUL DO BRASIL.....	36
5	LUGARES DE MEMÓRIA: O MUSEU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA	43
6	O MUSEU DA FEB: PERCURSO INTERNO	51
6.1	PRIMEIRO PAINEL: O CONTEXTO MUNDIAL	52
6.2	SEGUNDO PAINEL: A REPERCUSSÃO DA GUERRA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO	53
6.3	TERCEIRO PAINEL: A POLÍTICA NACIONAL	54
6.4	QUARTO PAINEL: A ENTRADA DO BRASIL NA GUERRA.....	55
6.5	QUINTO PAINEL: A PREPARAÇÃO DA FEB.....	56
6.6	SEXTO PAINEL: RELATOS DO COTIDIANO DOS SOLDADOS	57
6.7	SÉTIMO PAINEL: ROTEIRO DA EXPEDIÇÃO	58
6.8	OITAVO PAINEL: RELAÇÃO DE TODOS OS SOLDADOS QUE SAÍRAM DA REGIÃO DA SERRA PARA LUTAR NA FEB	59
6.9	SALA DE APRENDIZADO.....	60
6.10	APRESENTANDO O SITE	66
7.	CONCLUSÃO	66
8.	REFERÊNCIAS.....	68
	ANEXO 1 – PRIMEIRO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU	73
	ANEXO 2 – SEGUNDO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU.....	74
	ANEXO 3 – TERCEIRO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU	75
	ANEXO 4 – QUARTO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU	76
	ANEXO 5 – QUINTO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU.....	77
	ANEXO 6 – SEXTO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU	78
	ANEXO 7 – SÉTIMO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU	79
	ANEXO 8 – OITAVO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU	80
	ANEXO 9 – QUESTÕES ACERCA DA VISITA AO MUSEU.....	81

1 INTRODUÇÃO

“Memória

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão*

*Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
Essas ficarão.”*

Carlos Drummond de Andrade

Com o objetivo de potencializarmos o trabalho do Museu dos Ex-combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial, que está sediado na cidade de Caxias do Sul-RS, propomos aqui a criação de um espaço virtual, em formato de site, para esta instituição.

O motivo pelo qual escolhemos o museu como objeto de estudo se deve ao fato dele ser uma ferramenta didática-pedagógica tanto para as escolas e comunidade, como para os pesquisadores em geral. Em seu trabalho que fala sobre as articulações do ensino com a museologia, Figurelli (2011) salienta que, nos museus, o objeto deixa de ser o foco e o homem passa a ser, ou seja, estes ambientes ganham novas possibilidades de abordagens, melhorando, assim, a “conscientização da relação temporal e histórica, a compreensão do indivíduo acerca do tempo e do espaço social em que está inserido, auxiliando-o muito em seu processo de auto-conhecimento” (FIGURELLI, 2011, p. 12). Os museus como espaços de memória e como espaços de aprendizagem podem ser de grande valia para o ensino da história, pois além de problematizar os fatos que tratam, podem facilitar processos por meio de ferramentas que ajudem a discutir, ilustrar e examinar o objeto de estudo, tais como imagens, artefatos, histórias contadas, vídeos, filmes, jornais e tantos outros recursos.

De acordo com Knack (2013), lugares que possibilitam o exercício individual e coletivo da memória são fundamentais para o ensino de história, pois trazem a possibilidade de um sentimento de pertencimento e construção de identidade através

do patrimônio (KNACK, 2013). Sentimento este que estreita os laços entre a história e a sociedade, pois o visitante vê sentido nas exposições museológicas, porque se encontra inserido nela.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é a sociedade de referência onde estas instituições estão inseridas. Nora (1993) define lugares de memória como:

[...] restos [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993,12-13).

Diz que os lugares de memória pertencem a domínios que podem ser analisados pelos seus aspectos materiais, simbólicos e funcionais, o que permite evidenciar as transformações pelas quais a sociedade passou e quando foi afetada a memória do fato histórico:

A rápida desapareição de nossa memória nacional me pareceu demandar um inventário dos lugares onde ela havia efetivamente se encarnado e que, por vontade dos homens ou pelo trabalho dos séculos, restaram como os mais ruidosos símbolos: festas, monumentos e comemorações, mas também elogios, dicionários e museus. (NORA, 1984: VII).

Nesse sentido, o autor fala de uma “desaparição” da memória, afirmando que ela se reduz a determinados locais vistos como símbolos, o que salienta ainda mais a importância da preservação e manutenção dos mesmos. Então, os lugares de memória, de acordo com Nora (1993), seriam os “restos”, seriam provas de que lá algo aconteceu e precisa ser mantido. Vestígios sacralizados, de uma sociedade que dessacraliza os rituais de um grupo já sem ritual, ou ainda os particularismos de uma sociedade que tende a plainá-los. A desapareição a qual Nora (1993) se refere está ligada ao movimento da sociedade em relação as suas transformações, ou seja, em meio ao cotidiano, a memória se transforma, adapta-se e se modifica conforme as necessidades emergentes. Então lugares de memória, como os museus, não seriam os únicos portadores de vestígios da memória, mas um local onde a história se faria presente, possibilitando a manutenção de uma memória.

Apesar da memória estar sempre em transformação, por ser viva e dinâmica, devido à velocidade dos acontecimentos, ela se torna cada vez mais importante para

a história, que a utiliza também dentro desses espaços, de maneira que possa servir como ferramenta de apoio às pesquisas e como estímulo à reflexão.

A escolha do Museu dos Ex-Combatentes da FEB como objeto de estudo se deu porque, durante uma visita a esse espaço, percebemos como era pouco divulgada a parte da história em relação à participação da cidade no conflito mundial. Mesmo em se tratando de uma instituição com vínculo oficial, sua criação não se deu por uma iniciativa administrativa, nem mesmo com qualquer ligação do governo local, estadual e nacional, pelo contrário, ela ocorre como resposta ao total abandono que a Força Expedicionária Brasileira sofreu na volta da guerra. Branco (1960) comenta que havia preocupação, por parte do governo, de ocorrer uma rebelião onde os soldados pudessem expressar suas desilusões quanto:

A pressa com que se articularam aquelas providências, pois que a ordem atribuída à FEB foi expedida no exato momento em que os primeiros elementos deixavam o Porto de Nápoles, revelava as preocupações do Governo numa propalada rebelião contra a ordem constituída, que se dizia em articulação no seio dos expedicionários, os quais pensavam mais em retornar ao convívio da família e da Pátria do que em reformas de caráter político, muito embora reconhecessem a necessidade de tal medida. (BRANCO, 1960, p. 539).

Por meio de algumas ações promovidas pelo governo, houve a urgência na desmobilização das tropas brasileiras, o que expõem a falta de sensibilidade do governo em relação aos seus heróis de guerra, embora se note uma ideologia política por trás de tal feito. Com a perda total de amparo do Estado, e muitas vezes não conseguindo se reintegrar totalmente na sociedade, a criação de centros de eventos, onde esses pracinhas pudessem se reencontrar, trocar experiências e se ajudarem, mostrou-se uma solução muito bem aceita por eles.

De acordo com o site oficial da Prefeitura de Caxias do Sul - RS, a criação do Museu da FEB remonta o ano de 1976, sendo que ele passou por uma reforma em meados de 2005, e voltou a funcionar em 2007. Atualmente, a instituição conta com dois funcionários e três salas de atendimento ao público, sendo elas uma sala de exposição, uma sala de vídeo para a exibição dos documentários disponíveis e uma terceira sala, chamada “Casa Mata do Pracinha”, onde se encontram uma biblioteca que apresenta alguns documentos ainda não catalogados e também o local onde ocorrem as confraternizações dos veteranos.

Ao realizarmos a visita comentada anteriormente, identificamos um potencial de reflexão para o ensino e pesquisa em história, no sentido de estimular os alunos a

visitar lugares que tenham documentos e recursos sobre o objeto em estudo e possam, assim, adquirir uma conscientização histórica por meio de dinâmicas que o museu oferece, para a busca do conhecimento na área, por meio do uso de artifícios como vídeos, discussões, jornais, entrevistas, palestras e até mesmo leituras orientadas. Nessa direção, Figurelli (2011) completa:

Essa conscientização da relação temporal e histórica, a compreensão do indivíduo acerca do tempo e do espaço social em que está inserido, auxilia-o muito em seu processo de autoconhecimento. Logo, o patrimônio cultural visto com referencial básico da trajetória humana, atua como facilitador para a reflexão crítica a respeito da condição humana na sociedade. (FIGURELLI, 2011, p. 12).

A citação supracitada evidencia a importância de que nos lugares de memória, que podem ser considerados lugares de aprendizagem, o patrimônio exposto, que pode ser material ou imaterial, colabora para que ocorra o processo de aprendizagem. A exposição de objetos, imagens, fotografias, mapas, roupas, uniformes, documentos, entre tantas outras possibilidades, pode facilitar a compreensão do contexto, o fato em si, o objeto de memória e as falas sobre o patrimônio.

É importante lembrar que Caxias do Sul é um dos municípios da região da Serra Gaúcha que se tornaram um polo industrial, após a segunda metade do século XX. Com isso, passou a ser local de destino de muitos imigrantes de outras localidades do estado, bem como de fora dele, que pouco conhecem a história da cidade e das diversas instituições que fizeram parte desse processo. Muitos desses migrantes trouxeram suas famílias, seus filhos que frequentaram e ainda frequentam as escolas do município e que pouco conhecem a verdadeira dimensão da ação brasileira na Segunda Guerra Mundial e o papel dos pracinhas no contexto.

A presente proposta tem como objetivo principal criar um site para o Museu dos Ex-combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial, para que se possa estimular a compreensão acerca da participação dos brasileiros do sul do Brasil nesse conflito e estimular o conhecimento da história da cidade de Caxias do Sul no período.

Para a realização dessa proposta, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

a) contextualizar o período da Segunda Guerra Mundial e a participação de Caxias do Sul nesse evento, a fim de promover um entendimento da participação de soldados brasileiros na guerra;

b) discutir o aparato conceitual que dá sustentação ao museu enquanto lugar de memória;

c) confeccionar um site para o museu, evidenciando as fontes disponíveis no local do Museu da FEB;

d) tratar (entender) o Museu como ferramenta metodológica no ensino de História e possibilitar uma comunicação interativa entre visitantes e instituição enquanto lugar de memória e estratégia de ensino.

A proposta desse estudo teve as seguintes questões norteadoras:

1) Qual o papel que os ex-combatentes da FEB, provenientes de Caxias do Sul, tiveram no conflito da Segunda Guerra Mundial?

2) Como o museu apresenta esses elementos ao público que o visita?

3) Como se dá o uso do museu como lugar de memória para o fato em evidência?

4) Que informações e elementos precisam constar no site, a fim de que ele se torne uma ferramenta de divulgação e comunicação entre museu e visitantes? E qual seria sua contribuição para o ensino de história?

Nesse contexto, a intenção da proposta é promover a divulgação do Museu dos Ex-combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial, para que esse espaço de aprendizagem, utilizado para o ensino de história, tenha maior visibilidade ao ser apresentado como potencial de ensino e de pesquisa.

O estudo utiliza como referência histórica autores da história social, como Eric Hobsbawm (2004), que trata do período do nacionalismo e das guerras, mostrando os interesses que são postos em disputa pelos diversos territórios envolvidos. Na parte conceitual que versa sobre museus, lugar de memória, identidade, foram utilizadas as obras de autores como Pierre Nora (1993), Pollack (1989), Stuart Hall (2011), Chartier (2001), Michel Certeau (1994), isto é, autores que colaboraram para sustentar a importância da memória nos museus e dos espaços que ocupam para representar eventos políticos, econômicos e sociais.

Além disso, a criação de uma ferramenta didático-pedagógica como um webfólio¹, foi utilizada afim de que se pudesse problematizar o ensino de história. Onde o estudante teria voz ativa quanto a sua aprendizagem, podendo fazer suas próprias observações em relação ao percurso oferecido pelo museu.

Nesse sentido, essa estratégia pode ser expandida em sala de aula, uma vez que os recursos que o site oferece podem ajudar o estudante a se movimentar no contexto europeu, no contexto nacional e no contexto da região de onde partiram os soldados.

Na proposta para fundamentar a criação do site, foram tratados dois aspectos fundamentais: o contexto em que se dá a participação dos soldados na guerra, evidenciando os motivos pelos quais o Brasil entra na guerra ao lado dos americanos, bem como a riqueza que existe na construção de um museu que guarda e acolhe registros, fotos, acervos, fontes documentais sobre o tema. Além disso, destaca-se como esse material pode ser um estímulo ao ensino da história.

¹ Webfólio seria uma espécie de ferramenta interativa com uma série de recursos possíveis, tais como: levantamentos individuais sobre como cada estudante registraria o conteúdo, reflexão do docente sobre suas práticas, e a ideia do processo de aprendizado como um mecanismo particularizado. (NEVADO; BASSO; MENEZES. 2004).

2 JUSTIFICATIVA

Anos atrás, visitando pela primeira vez o Museu dos Ex-combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial, assistimos a uma palestra acerca da ida de soldados brasileiros até o front, e pudemos ter uma ideia sobre as dificuldades por eles enfrentadas. Como professor de história, o que chamou a atenção foi o choque cultural que a guerra produziu na sociedade brasileira, como por exemplo na diferença da relação de tratamento do governo com os soldados levados à guerra e também suas famílias que aqui ficaram. Esta questão despertou curiosidade sobre o sentimento de nacionalismo que ali existia, e como ele foi trabalhado junto com a memória da população, pelo governo brasileiro.

Também constatei o fato de Caxias do Sul crescer de forma bastante acelerada e como muitos desconhecem a história do município. Esse crescimento fez com que parte de sua memória tenha se transformado, não incluindo aspectos significativos da história da região como elementos constitutivos da cultura atual.

O caso da participação dos caxienses na guerra deixa claro que os habitantes dessa região necessitam de um lugar para revisitar suas experiências, principalmente daqueles que viveram o conflito e deixaram registros sobre a participação na guerra. O museu, nesse contexto, pode ser um espaço essencial para rever essa história e dar significado a ela no presente. Em um seminário promovido pela Unesco, no ano de 1992, sobre a missão do museu no mundo contemporâneo, produziu-se um documento intitulado “Declaração de Caracas”, onde é possível encontrar a seguinte afirmação:

[...] o museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência e capacidades crítica e cognitiva, assim como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e autoestima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e coletiva (UNESCO, 1992, p.4).

Desta maneira, além de parentes e familiares que já conheciam as histórias e alimentavam as memórias desse acontecimento histórico, outro grupo que se beneficiaria com uma proposta de espaço virtual(site) seria o público vindo de outras regiões, que desconhecem por completo os fatos pertinentes a esse assunto, mas que poderiam receber todas as condições para se apropriar deste conhecimento.

A partir do estudo, constata-se que o crescimento econômico rápido, em contraste com o desaparecimento natural dos sobreviventes do conflito, transformou o perfil e, conseqüentemente, a memória do povo caxiense. A cidade no período pós conflito até o começo de 1960 sofre transformações na sua economia, passando de tradicional para dinâmica. Essas mudanças geraram migrações das áreas rurais para a zona urbana (HEREDIA, 1997). Breitbach (2001) chama a atenção para o fato de que, na segunda metade do século XX, o município se transforma pela sua capacidade industrial. A autora completa:

No que concerne ao desempenho econômico, os dados são taxativos: o dinamismo industrial se intensifica a partir de 1970, fazendo da região de Caxias a segunda em importância industrial no Estado, seguindo-se à região metropolitana. (BREITBACH, 2001, p. 425).

Juntamente com essa intensificação econômica que ocorreu no início da década de 1970, que torna Caxias do Sul uma cidade conhecida pelo seu parque industrial, outros atrativos são pensados pela gestão da cidade, tais como a criação de alguns museus e monumentos. O museu da FEB coincidentemente também foi criado nesta década, de acordo com a política municipal daquele período, que investe na exposição do patrimônio cultural que representa a cidade.

Nessa década, o Museu Municipal de Caxias do Sul também ganha fôlego e torna-se um lugar de visitação. Construído originalmente como residência particular nos anos de 1880, ou seja, no começo da colônia Caxias, o prédio de alvenaria da Rua Visconde de Pelotas foi sede da Intendência Municipal, da Escola Complementar Presidente Vargas, da Prefeitura Municipal até 1974 e, no ano seguinte, isto  , no ano do centenário da imigra o italiana no Rio Grande do Sul, por ocasião da Festa Nacional da Uva, foi utilizado como local de festejo da cidade. Atualmente, possui um acervo de aproximadamente 11.000 peças e uma exposi o de longa dura o, distribuída em oito painéis ilustrativos. O museu também possui uma sala para exposi o de curta dura o, com uso para eventos que abarquem temas de interesse público, e uma sala para reprodu o de audiovisuais.

  importante observar que,   medida que a cidade cresce, há investimentos na parte cultural, por parte do município. Caxias do Sul, sempre foi uma cidade que cresceu de forma acelerada, porém a partir da década de 1970   que efetivamente

vão ocorrer investimentos na área cultural. Como a criação de um espaço próprio para o Museu Municipal por exemplo. Além disso, rápida transformação que a cidade teve principalmente no que diz respeito aos aspectos econômicos que a dominam, exigiu um esforço da cultura para que não se perdesse a oportunidade de garantir registros da história. O caso dos museus, dos arquivos, dos acervos, inclusive os que são usados para o ensino de história, pode colaborar para ilustrar e corroborar por meio de outras formas de cultura as aprendizagens necessárias para a consciência da cidade. Sabe-se que muitos fatos mencionados foram vividos e transmitidos de forma oral por parte da população que já não se encontra presente, ou que muitas vezes tem dificuldade de falar sobre o assunto, dada sua experiência traumática.

Para amenizarmos essa perda ou mesmo ausência de uma história viva que valorize o que aconteceu na cidade durante este período, se faz necessário uma proposta integrada de ensino, para fortalecer esse espaço de memória. A memória de traumas nem sempre é compartilhada, mas muitas vezes é necessária para chamar a atenção a respeito do que se passou no país ou região, que não deve ser esquecido.

Grande parte do público que frequenta o museu hoje é de turistas de outras regiões, que muitas vezes desconhecem a FEB e a história da cidade. Menos de 10% das escolas da localidade têm costume de fazer visitas frequentes (dados conseguidos diretamente com o museu), o que nos mostra o baixo nível de visibilidade da instituição, ao menos por parte das escolas locais.

Com a proposta da criação do site como forma de apoio ao museu, buscou-se uma maior interação do público com a instituição, disponibilizando parte de seu acervo digitalmente. As visitas aos museus constituem uma forma de preservar a história e pode ser uma grande ferramenta de aprendizagem. De acordo com Henriques (2004),

O museu virtual pode ser tão ou mais eficaz quanto o museu físico, mas não o substituirá. É sim uma nova perspectiva de interação com o patrimônio. É uma forma de se traduzir as ações museológicas no espaço virtual, como mediação e relação do patrimônio com os utilizadores. É uma nova maneira de pensar o museu, libertando-o do espaço tradicional e limitado, para se tornar acessível ao grande público. (HENRIQUES, 2004, p.10).

Na visão de Canclini (1994), patrimônio seria tudo que um determinado conjunto social considera como cultura própria, indo além de monumentos físicos e bens materiais, até formas de vestir e espaços físicos. Sendo assim, o museu é uma

referência de patrimônio material, por ser um local físico que abriga uma história e que proporciona uma reflexão que ajuda na conscientização e educação patrimonial.

Nem sempre é possível criar um museu virtual que dê conta de todos os elementos que o constituem, mas com as tecnologias digitais existe a possibilidade de navegar em diversas redes e, através de sites, conhecer espaços de memória que podem, posteriormente, se tornarem escolha de visitas presenciais. A posição de Henriques (2004) evidencia que o museu e as ações que dele podem derivar são ferramentas que muitas vezes trazem resultados profícuos no processo educativo.

A realização da proposta prevê uma parceria com a Prefeitura de Caxias do Sul para o lançamento da página na internet, uma vez que há algumas restrições administrativas por parte dos órgãos governamentais. O link da página deverá estar disponível somente dentro do site da prefeitura, que organiza todas as repartições públicas da cidade. A proposta do site visa dispor da maior quantidade possível de materiais digitalizados, incluindo fotos de objetos, documentos e livros, além de vídeos. Conforme Henriques (2004), o museu virtual pode funcionar não somente como um ambiente de reprodução do museu físico, mas também como um local onde sejam proporcionados outros tipos de aprendizagem. A autora completa:

[...] o museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do patrimônio com os utilizadores. É um museu paralelo e complementar que privilegia a comunicação como forma de envolver e dar a conhecer determinado patrimônio [...]. (HENRIQUES, 2004, p.11).

De certa forma, o uso do termo “virtual” pode remeter a ideia do irreal em uma primeira instância, como diria Lévy (2000), a “realidade” pressupõe uma efetivação material, porém o que percebemos nos dias de hoje é que os meios mais eficientes de comunicação com o público jovem são as ferramentas virtuais. Com essa difusão cada vez mais comum destes meios, fica evidente que o ensino precisará se adaptar a esta realidade o quanto antes. Hoje são inúmeras as vantagens da disponibilização de recursos via internet, sendo a sua capacidade de veiculação a mais importante. Lévy (2000) completa:

Ciberespaço onde tudo circula com uma fluidez crescente e onde as distinções entre original e cópia não têm mais valor. Em vez da reprodução das exposições clássicas [...] seria possível conceber percursos personalizados ou então constantemente reelaborados pelas navegações coletivas em espaços totalmente desvinculados de qualquer coleção material. Mais pertinente ainda seria o encorajamento a novos tipos de obras: espaços

virtuais a serem investidos e atualizados por seus exploradores. (LÉVY, 2000, p.187-188).

Nesse sentido, o trabalho do museu no ensino de história se beneficia com este recurso digital, uma vez que aumenta a área de atuação da instituição tanto para estudantes, quanto para turistas, e pode ser um canal de divulgação de eventos que envolvem esse objeto de estudo. A interatividade é um campo em expansão, portanto, a utilização dos suportes digitais é essencial para que se amplie o público.

Além disso, a proposta deste estudo está na criação de um canal de comunicação dentro do ambiente virtual, onde o público possa estabelecer um diálogo sobre e com o museu. A participação do público por meio do preenchimento de algumas questões pode auxiliar o museu a tornar as visitas ainda mais proveitosas. Também poderiam ser feitas trocas de experiências em forma de depoimentos, onde professores e alunos relatem o que consideram importante, criando mais um meio de produção de conhecimento.

Por isso, a proposta prevê uma interação entre a instituição e os visitantes, para que se fuja daquilo que Pierre Lévy (2000) vai chamar de “catálogo virtual”. Sem falar que, hoje, as potencialidades de uma página virtual são muito boas. Desta forma, não utilizar estes recursos é limitar as potencialidades do museu. Henriques completa:

Nesse sentido, a maioria dos museus virtuais está mais preocupada em apresentar e justificar sua faceta virtual através de representações, do que utilizar as potencialidades que a Internet oferece para a interação com o utilizador. (HENRIQUES, 2004, p. 9).

Sabendo que o ensino de história demanda outras formas de aprendizagem, e que os métodos aplicados nem sempre contemplam e atingem seus objetivos, a troca de informações no site poderia ser uma ferramenta útil na construção de conhecimento, uma vez que as mídias digitais possuem mais recursos, além de possibilitarem um atrelamento mais fácil a outros assuntos, ou até mesmo outras disciplinas. Nessa direção Meneses (2006) aponta que a:

[...] educação vem sendo percebida pelos museus não só como campo estratégico e de extraordinário potencial, mas até como aquele capaz de justificar por si só sua própria existência e, quem sabe, redimi-la dos pecados do passado, como o elitismo, o estetismo redutor, o papel homologatório de interesses dominantes, a alienação social, os compromissos ideológicos, etc., etc. (MENESES, 2006, p. 93).

Nos tempos atuais, é importante reverter o conceito que se teve durante muito tempo do museu como um ambiente elitizado, engessado, que remete ao desuso, ao antigo, que transitava dentro de um discurso pronto e que não dialogava com a sua comunidade. Para quebrar este paradigma, bem como para dar conta dos diversos instrumentais que estão hoje à disposição da sociedade, o público deveria sentir-se parte do museu e, conseqüentemente, parte da história. A fim de não haver banalização nessa ideia de inserção, Knack (2013) levanta o seguinte questionamento:

Como trabalhar com um grande e diversificado público, acostumado com o consumo efêmero e imediato de informações sem perder a “aura” de contemplação e reflexão [...]. Como trabalhar o patrimônio de forma democrática, garantindo o acesso de todos os grupos sociais ao museu e o direito à memória sem cair nas armadilhas que o processo de seleção de bens patrimoniais impõe aos profissionais de museus? (KNACK, 2013, p. 82).

Não restam dúvidas de que os museus são lugares de patrimônio, que devem ser cuidados e preservados devido a sua importância. Chagas (2002) define o patrimônio como “um conjunto determinado de bens tangíveis, intangíveis e naturais envolvendo saberes e práticas sociais a que se atribui determinados desejos de valores e partilha de uma geração para outra.” (CHAGAS, 2002, p. 36). Neste caso, o patrimônio se constitui como uma forma de chamar atenção para a importância dos elementos culturais que muitas vezes podem passar despercebidos. É importante lembrar que o processo de seleção de bens patrimoniais está sujeito ao critério daquele que o elabora. Rosa (2012) afirma:

Os objetos que fazem parte da exposição de um museu passam por uma seleção. Inicia-se uma pesquisa com a finalidade de produzir conhecimentos para a ação educativa. A partir disso, será feita a seleção sobre quais informações sobre determinados objetos devem fazer parte do discurso expositivo. As informações devem atrair a atenção dos visitantes, já que em muitos casos, o museu é visto como algo antigo, velho, distante de nós e sem sentido para os educandos, causando uma dispersão e desinteresse do público. (ROSA et al., 2012, p.1).

A difusão do museu depende de como ele é mostrado ao público e do interesse que desperta como elemento integrante da cultura. Então, hoje o que se busca é uma aproximação, de forma que haja uma identificação do visitante com os itens que estão disponíveis para o percurso da visita. O museu expõe o patrimônio, o legado, que só pode se transformar em memória se houver relações sociais. Não se preserva tudo,

nem tudo deve ser preservado, de forma que os objetos expostos devem ter um significado para comporem parte do patrimônio exposto, o que pode gerar um sentimento de pertencimento. Dessa forma, Manzini-Couvre (2006) completa:

[...] na possibilidade de o homem contemporâneo romper cotidianamente com as trevas da alienação. Isso se daria, a todo instante, nas relações diárias, criando relações que eliminem o homem 'marcado' historicamente e apontem, dentro desse homem, o ser universal que possui. Trata-se de pensar, sentir e agir no sentido de que a democracia se constrói a todo instante, nas relações sociais de que fazemos parte (MANZINI-COUVRE, 2006, p. 64).

Portanto, sentir-se parte da relação construída é fundamental para o sucesso de qualquer mostra museológica. Pois dessa forma o objeto acaba cumprindo uma função secundária de ligar o visitante às possíveis realidades, valores e significações históricas propostas.

3 METODOLOGIA

Para atender os objetivos previstos, a presente proposta tem como intenção utilizar os pressupostos da história cultural, associados às ferramentas tecnológicas, a fim de criar o site que dialoga os acontecimentos históricos que promoveram a participação de soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial e o ensino da história com o museu da FEB.

Tradicionalmente, os museus constituem espaços onde a sociedade “pode celebrar o seu passado e constituir um sentido para a sua identidade cultural” (TUFTS; MILNE, 1999, p. 614). No que diz respeito ao ensino da história, o museu pode ser o espaço ideal para o diálogo entre a história, a memória e a identidade cultural. Enquanto lugar de patrimônio cultural, ele representa um espaço de conhecimento que auxilia a compreensão do passado quanto ao tema que se especializa. Pode colaborar ainda para o entendimento da educação patrimonial que implica não apenas o despertar do aluno para o tema, mas do preparo do professor para lidar com ambos.

Machado e Monteiro (2010) postulam que a escola “tem por função trabalhar com o conhecimento socialmente produzido, não como transmissão pura e simples, mas na perspectiva da sua reconstrução e ressignificação” (MACHADO; MONTEIRO, 2010, p. 25). Nesse sentido, os recursos que são usados para ajudar nessa reconstrução são importantes, já que oferecem uma série de possibilidades de relacionar o patrimônio referido à história, como ação educativa.

A intenção de criar um site que oriente a visita ao museu norteou a construção desse estudo com vistas a potencializar o conhecimento acerca da participação dos pracinhas caxienses na Segunda Guerra Mundial, a fim de oportunizar explicações que ajudem os visitantes do museu (inclusive os alunos) a entender o conflito, a participação do Brasil na guerra, a participação dos pracinhas que saíram de Caxias para a guerra, assim como a participação da cidade no contexto do conflito.

A pesquisa bibliográfica realizada para dar sustentação ao projeto de pesquisa e, posteriormente, a criação do site foi baseada em estudos e documentos oficiais sobre a guerra; o governo de Getúlio Vargas; o nacionalismo de Vargas; a entrada do Brasil na guerra; as relações entre os países que participaram da disputa mundial; a ação do governo em relação aos soldados brasileiros que participariam da guerra; os conflitos emergentes, derivados da política nacionalista e das marcas de identidade cultural dos pracinhas do Sul do Brasil.

Além desta exaustiva revisão bibliográfica pelo aparato conceitual que constituiu essa proposta, percebeu-se que, através da história desses pracinhas, era possível entrar num outro universo que relaciona o mundo da guerra, da política, da economia, dos conflitos, da cidade, das ideologias, com vistas a promover uma reflexão crítica ao visitante que, muitas vezes, desconhece o fato dos soldados caxienses terem participado da guerra.

O museu da FEB dispunha de elementos para fazer essa discussão e a criação de um percurso pedagógico para refletir sobre o tema colaborou para identificar o espaço dado ao museu. O percurso, criado inicialmente pelo seu fundador, Alberto Arioli, seguiu uma lógica que dava, ao visitante, informações sobre a participação dos pracinhas na guerra, de objetos utilizados, de artefatos construídos, de vestimentas e uniformes de guerra, armas e dados. Este percurso utilizou o conceito de espaço/lugar atribuído por Certeau (1994), quando diz que há uma delimitação de campo. Nesta lógica, “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar” (CERTEAU, 1994, p.184).

O estudo realizado foi dividido em três partes, sendo cada uma delas trabalhadas conforme seu objetivo específico, sem perder de vista a intenção de explicitar a participação dos soldados na Segunda Guerra Mundial.

A primeira parte trata do contexto brasileiro, apresentando os motivos pelos quais o Brasil decide participar do conflito mundial, bem como as ações que são promovidas pelo governo brasileiro para justificar sua presença na guerra. Essa primeira etapa situa o visitante no contexto do conflito e a relação do Brasil na guerra. Na sequência, em um subcapítulo, é possível observar a exposição do contexto local, a participação de caxienses que atuaram no conflito, por meio de depoimentos e documentários produzidos (anexados ao site). Este subcapítulo evidencia como a cidade contribuiu para o esforço de guerra.

Na segunda parte, é apresentado o museu enquanto um lugar de memória, os fundamentos dessa premissa, a indicação do acervo do museu, em um caráter classificatório, mostrando o que ele dispõe dentro dele que pode ajudar o visitante a localizar objetos de memória e de patrimônio que ajudem a entender a perspectiva do soldado que vai para a guerra.

Além disso, é oferecida, no site, uma série de reflexões sobre a exposição do museu, que terá como objetivo “aguçar o olhar” do visitante. O acervo do museu

representa um espaço de memória, bem como de possibilidade de conhecimento da história, uma vez que trata o acontecimento em torno do qual gira o museu e as possibilidades de entender o fato histórico. Na terceira parte, temos a criação de um espaço de interação do visitante com o museu, onde o visitante descreve o que aprendeu no percurso e o ganho de aprendizagem na visita. Essa etapa pressupõe o domínio que o estudante possa construir à medida que faz a visita e tem a experiência do museu.

Ainda no âmbito da construção do site, é importante frisarmos que o objetivo deste trabalho é a construção de um espaço de aprendizagem, de troca e de colaboração. Leite e Cabral (2008) acreditam que um site educativo deve ter alguns elementos essenciais, desta forma, explica:

Pode-se considerar cinco componentes principais de um site educativo: a informação, as atividades, a comunicação, a edição colaborativa online e a partilha. Esses cinco componentes não são estanques, muito pelo contrário, estão relacionados entre si. Eles contribuem para dinâmicas interativas, autossuficientes e de responsabilidade na aprendizagem e na produção de trabalhos. (LEITE; CABRAL, 2008, p.13).

É fundamental que esta proposta de produção virtual não seja concebida como algo acabado. Pelo contrário, ela deve estimular, através da sua própria arquitetura de funcionamento, um constante trabalho de manutenção, para que continue dando suporte aos visitantes da melhor maneira possível.

O museu como um lugar de aprendizagem e principalmente um lugar do ensino de história oferece a possibilidade de romper com alguns paradigmas que envolvem a educação de base e seus métodos. Sobre o ensino de história, Abud (2007) postula:

Em quase dois séculos de existência da escola secundária, construiu-se uma tradição quanto ao ensino da História e aos conteúdos que a compõem, na qual intervém a produção historiográfica, os documentos legais, a formação de professores, a produção de materiais didáticos, todos componentes assentados no contexto em que se desenvolve a prática escolar. A interação entre esses elementos que se assiste cotidianamente na escola é fundamental para que possamos compreender que o ensino de História vai além da simplificação didática dos conteúdos ao tecer os cruzamentos entre os componentes do saber escolar. O reconhecimento da existência e interação entre todos esses elementos não tem sido a regra nas universidades brasileiras, quando se abordam as questões relativas ao ensino de História na escola básica e à formação do professor. (ABUD, 2007, p. 2).

Para que haja um melhor rendimento dos alunos, em relação ao ensino de história, é necessário que haja interação entre os elementos citados acima pela autora. O museu pode ser esse elo de ligação, uma vez que não faz parte da rotina dos estudantes e naturalmente já se tornaria mais interessante para eles.

Um dos grandes problemas presentes no cotidiano dos professores de história e pesquisadores do ramo na área da educação trata de como fazer uma abordagem eficaz do conteúdo de maneira que se integre a instituição de ensino superior, o professor e o aluno da escola? A noção que se tem é que, muitas vezes, o cronograma das instituições de ensino superior ficam um pouco distantes da realidade das escolas, por isso os professores não saem capacitados o suficiente pra enfrentar as demandas de uma sala de aula. De acordo com Rüsen (2006): “o que deveria ser evidente é que as habilidades normais adquiridas pelo historiador profissional não são suficientes para a execução dessa mediação” (RÜSSEN, 2006, p.12-13).

Rüsen (2007) afirma que esse distanciamento acontece devido à práxis embutida na didática do historiador contemporâneo onde “os didáticos seriam transportadores, tradutores, encarregados de fornecer ao cliente – comumente chamado de ‘aluno’ os produtos científicos” (2007, p. 89). Lembrando que, até o fim da modernidade, o conhecimento histórico estava relacionado a uma ideia mais prática, onde o aluno enxergava o objetivo próximo ao seu cotidiano.

3.1 FORMULAÇÃO DO SITE

Para a elaboração do site, buscou-se ajuda dos professores da área de tecnologia da informação, afim de que pudéssemos saber o que seria imprescindível em sua construção. Lembrando as definições de Leite e Cabral sobre sites educativos, a montagem do espaço virtual dedicado ao Museu da FEB, baseou-se na ideia do trabalho escrito, assim como no próprio museu físico.

A plataforma utilizada foi a Wix², que possui uma versatilidade muito interessante, garantindo a possibilidade de inclusão de diversos tipos de arquivos na referida página.

²Wix é uma plataforma gratuita de criação e edição de sites. Lá é possível começar um novo projeto baseado em algum dos modelos disponíveis. Disponível em: <<https://pt.wix.com/>>.

O ponto de partida foi definir um roteiro que seria o “menu” do site e poderia orientar os que nele navegavam a fim de colocar a pesquisa realizada sobre o conflito e o museu de forma disponível. Muitas foram as tentativas de avaliar a funcionalidade do site e a garantia de seu funcionamento, sempre com atenção a importância das fontes e dos recursos disponíveis.

O percurso traçado pelo site foi baseado, portanto nesse roteiro inicial a fim de dar visibilidade ao museu com informações precisas sobre o conflito e a participação dos soldados brasileiros nele. Foram selecionadas as fotos que fariam parte da criação e posteriormente os filmes e documentários bem como a indicação dos livros e dos painéis. Foi feita a consulta a Alberto Arioli, fundador do Museu e um dos principais mantenedores e articuladores do museu, acerca da possibilidade de colocar seu livro “O Cabedelo” para consulta na internet por meio do site. Com sua aceitação, o livro foi digitalizado e está disponível como fonte da participação dos pracinhas nesse site.

Além dessas iniciativas, foram pesquisados diversos mapas que pudessem orientar geograficamente o visitante quanto ao espaço do conflito e o avanço da guerra. Foi proposto que a inclusão dos mapas ajudaria a localizar aqueles que desconhecem a localização do conflito e o percurso feito pelos pracinhas caxienses.

O roteiro incluía a organização do museu por meio dos painéis que nele estão dispostos as informações sobre o conflito. O site seguiu a ordem estabelecida pelo museu, nominando esses painéis e dando vida a eles com a possibilidade de navegar em outras fontes.

Como avaliação do percurso, foi pensada uma sala de aprendizado, onde o visitante pode expressar sua posição após a visita e demarcar aspectos que foram importantes para o seu conhecimento. Algumas questões foram elaboradas a fim de marcar uma posição em relação ao ensino da história.

4 CONTEXTO: A POLÍTICA DO ESTADO NOVO

O Estado Novo compreende o período entre os anos de 1937 a 1945, onde o então Presidente da República Getúlio Vargas, ao promulgar a constituição de 1937, concede ao poder executivo, cargo este ocupado por ele, poderes centralizadores e de total controle perante todo e qualquer estatal ou autarquia da nação. Torna o poder judiciário subordinado ao executivo, somando-se ao fim do cargo de vice-presidente da república e do poder legislativo, ou seja, do parlamento, resultando em poderes absolutos referentes em toda e qualquer decisão que fosse tomada pelo presidente. Afinal, não deveria passar pelo “crivo” de representantes eleitos das unidades da federação, pois também houve a extinção das bandeiras estaduais, tornando a bandeira nacional a única a ser representada em qualquer circunstância. Del Priore explica a questão da consolidação da centralização política do governo Vargas:

Para essa centralização, foi decisiva a atuação de Filinto Müller, homem de confiança de Vargas e temido chefe de Polícia do Distrito Federal de 1933 a 1942. Filinto, associado ao terrorismo de Estado vigente nos governos de Vargas, comandou a repressão com poderes absolutos. Segundo informações disponibilizadas pelo CPDOC, amparado pelo Estado Novo e os acontecimentos que lhe sucederam, Müller exacerbou a tendência para criminalizar qualquer atitude contrária ao governo instituído, juntando aos perseguidos políticos comunistas, estrangeiros e até integralistas. (DEL PRIORE, 2017, p.105).

Segundo Hobsbawm (2004), para entender a organização de uma nação são necessários alguns conceitos. Para ele, antes da Revolução Francesa, o conceito de nação possuía outra conotação. Afirma que o Estado foi o grande protagonista na formação do nacionalismo, em um sentido contemporâneo, e completa: “Os dois últimos séculos da história humana no planeta Terra são incompreensíveis sem o entendimento do termo nação e o vocabulário de onde ele deriva” (HOBSBAWM, 2004, p.11).

A visão nacionalista ajuda a entender como no Brasil essa política foi introduzida e as consequências das ações governamentais foram sendo absorvidas pela sociedade. É importante lembrar que Vargas assumiu o poder, não de forma legítima e que nos quinze anos que administra o país, sua gestão tem características distintas.

Segundo Fausto (2000, p.331), após outubro de 1930, “Vargas permaneceu por quinze anos, sucessivamente, como chefe de um governo provisório, presidente

eleito pelo voto indireto e ditador”. Para esse autor, o “Estado Novo foi implantado no estilo autoritário, sem grandes mobilizações” (idem, p.364).

Nessa visão, ao estabelecer as diretrizes a serem seguidas no período denominado “Estado Novo”, Vargas assume uma série de medidas, voltada às massas, com o intuito de fortalecer a ideia de nação única, soberana, que através de um líder benéfico e amigo de seu povo, conseguiria guiar os rumos do país para caminhos melhores, sendo que as decisões tomadas pelo seu soberano seriam benéficas para a população. Fausto faz algumas colocações sobre os órgãos utilizados pelo governo Vargas na tentativa de exercer um controle sobre a população:

O DIP exerceu amplas funções, utilizando e controlando o cinema, o rádio, a imprensa, a literatura social e política. No esforço de sanear as mentes e calar os inimigos do regime, proibiu-se a entrada no Brasil de publicações “nocivas aos interesses brasileiros”. Alguns dos valores mais caros ao Estado Novo – o nacionalismo, a valorização do trabalho – foram promovidos de inúmeras formas, por meio de jornais, revistas, noticiário cinematográfico ou músicas populares, encomendadas pelo regime. Um aspecto significativo da atuação do DIP consistiu na atração de intelectuais, convidados a ocupar cargos públicos ou a escrever em revistas publicadas pelo Estado. A principal delas foi denominada Cultura Política – Ensaio mensais de estudos brasileiros, dirigida pelo jornalista Almir de Andrade. Nessa publicação escreveram os principais ideólogos do regime, como Francisco Campos, o famoso sociólogo Oliveira Vianna, o jornalista Azevedo Amaral e o poeta modernista Cassiano Ricardo. Mas aí se encontram também textos de intelectuais de projeção, adversários do regime, como o escritor Graciliano Ramos; o historiador ligado ao Partido Comunista, Nelson Werneck Sodré; e o sociólogo Gilberto Freyre, já então célebre pela publicação do livro Casa-grande & senzala. Esses autores, entretanto, restringiam suas colaborações a temas de história, folclore e literatura. (FAUSTO, 2013, p.103).

Isso é o que o departamento de censura da verdade, instituído como Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), deveria tratar de cuidar que fossem reproduzidas nas cartilhas escolares e propagandas publicitárias veiculadas ao governo, meios de comunicação como jornais, rádio, revistas, e reproduções artísticas, por exemplo, músicas, filmes, etc.

Contudo, pouco é dito a respeito do que constitui “um povo”. Particularmente, não há conexão lógica entre um corpo de cidadãos de um estado territorial, por uma parte, e a identificação de uma “nação” em bases linguísticas, étnicas ou em outras com características que permitam o reconhecimento coletivo do pertencimento de grupo. (HOBBSAWM, 2004, p. 32).

Voltado para uma política total de massas, Vargas assume o papel de comandante máximo da nação, atribuindo uma importância de Estado a tudo que

pudesse alçar a população em seu todo. Vargas deu grande ênfase ao ensino de política nas escolas, sendo que as cartilhas didáticas deveriam reafirmar a ideia governamental de que Vargas seria o grande pai da nação, reforçando o pressuposto de que não haveria particularidades ou culturas individuais nos setores do país, ou seja, reforçando a ideia de que seríamos um povo apenas, sob a égide de um líder.

Seguindo esta posição, Vargas investiu em programa de base educacional voltado para a formação cívica e moral do cidadão, em que se deveria atribuir toda a doutrinação nacionalista aos alunos que, por sua vez, deveriam entender o funcionamento social do país como o de uma família onde a figura do presidente deveria ser compreendida como o grande chefe da nação. Desta forma, os cidadãos seriam seus filhos. Toda e qualquer discordância de medidas tomadas pelo governo que poderiam acarretar em certa contestação, por parte da população, deveria ser interpretada como um risco à paz e à estabilidade da nação ou, no caso na representação que era imposta, um risco à tranquilidade de uma família.

Em 1930, Vargas criou o Ministério da Educação, ainda associado ao da saúde. Contudo, a partir de 1937, uma série de medidas foram tomadas, para alicerçar as bases da população na ideia de nacionalismo, concebida pelo governo. Alguns pontos obrigatórios foram muito valorizados, entre eles, cinco anos de curso primário, quatro de ginásio e três de colegial, que corresponderiam ao ensino médio. Desta forma, o ensino médio perdia o caráter preparatório para o ensino superior, antes destinado apenas às elites, e passava a vigorar com caráter profissionalizante. Houve a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), para a profissionalização dos jovens. As mudanças na política educacional definiriam as Diretrizes da Educação Nacional pela Lei conhecida como Reforma Capanema³. Este conjunto de ações protagonizou uma série de medidas adotadas no âmbito educacional que em sua abrangência tornariam possível que as futuras gerações do país constituíssem um corpo único de cidadãos com alto grau de sentimento de patriotismo e certa devoção

³ Entre as personagens políticas do primeiro governo Getúlio Vargas, mais especificamente do Estado Novo, o ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, é considerado uma figura central na definição ideológica e nas políticas públicas que foram implementadas. Seu ministério tinha, entre outras atribuições, a de formular um projeto cívico-pedagógico para engendrar um "novo homem brasileiro". A reforma do Estado, da sociedade e do homem eram projetos que deveriam caminhar juntos. Educação, saúde e cultura eram pilares para a execução deste ideário, acentuadamente nacionalista. Informação retirada do site Educação Pública, Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_10.html>. Acesso em: mai. 2018.

ao governo. Além das mudanças na educação, Vargas fomentou a criação de um conjunto de estatais, que caracterizariam sua política econômica, voltada para a industrialização do Brasil. Velloso explicita como funcionou o projeto educacional no governo de Getúlio Vargas.

Dentro do projeto educativo há que se distinguir dois níveis de atuação e estratégia: o do Ministério da Educação (dirigido por Gustavo Capanema) e o do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (encabeçado por Lourival Fontes). Entre essas entidades ocorreria uma espécie de divisão do trabalho, visando a atingir distintas clientelas: o Ministério Capanema volta-se para a formação de uma cultura erudita, preocupando-se com a educação formal; enquanto o DIP buscava, através do controle das comunicações, orientar as manifestações da cultura popular. Essa diversidade de orientação na política cultural transparece na própria composição dos intelectuais nos referidos organismos. (VELLOSO, 2007, p.149).

A criação de um conjunto de estatais foi uma das características fortes do período, marcado pela política econômica voltada para a industrialização do Brasil. O plano de ação de Getúlio Vargas foi baseado na intervenção do estado, principalmente nas fontes de divisas e de recursos naturais do território.

O Estado Novo se constituiu em decorrência de uma política de massas que se foi definindo no Brasil a partir da Revolução de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas no poder. Esse tipo de política, voltada para as classes populares, desenvolveu-se no período entre as guerras a partir das críticas ao sistema liberal, considerado incapaz de solucionar os problemas sociais. Nesses anos manifestou-se na Europa, e em outras partes do mundo, uma crise do liberalismo: os impactos da Primeira Guerra e da Revolução Russa provocaram, segundo inúmeros autores, uma crise de consciência generalizada que, por sua vez, resultou em críticas à democracia representativa parlamentar. (CAPELATO, 2007, p.109).

Além das empresas estatais, neste período também foram criadas algumas empresas⁴ que só poderiam ser controladas por empresários brasileiros. É oportuno lembrar que foram medidas baseadas no oposto ao modelo econômico liberal e não foram tomadas apenas pelo Brasil, mas por vários outros países que também tinham

⁴ O Conselho Nacional do Petróleo (1938), o Departamento Administrativo do Serviço Público (1938), a Companhia Siderúrgica Nacional (1941), a Companhia Vale do Rio Doce (1942), a Fábrica Nacional de Motores (1942), a Companhia Nacional de Álcalis (1943), a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (1945); foi construída a primeira rodovia ligando o Nordeste ao Centro-Sul, a Rio-Bahia (terminada em 1945). Foi criada a Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), em 1945, precursora do Banco Central (1964). O sistema financeiro também passou por reformas, (bancos). Informações retiradas do site O Vermelho. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/304294-1>>. Acesso em: mai. 2018.

como entendimento que, a partir de uma sucessão de crises econômicas geradas pelo modelo liberal, a única forma de garantir o avanço da economia e a garantia de sobrevivência mínima aos trabalhadores mais pobres era a forte presença do estado nos setores considerados estratégicos e elementares para uma nação.

No âmbito trabalhista, o Estado Novo também se destacou por haver certa ambiguidade no que se refere aos direitos do trabalhador brasileiro, na busca por um forte apoio das classes trabalhadoras. Vargas regulamentou uma série de leis trabalhistas que em seu todo consolidam o Conjunto de Leis Trabalhistas (CLT). Entre estas medidas estavam a jornada diária de oito horas de trabalho, o salário mínimo, as férias, as horas extras, o fundo de garantia, a criação da carteira de trabalho entre outras (FAUSTO, 2000). Paralelamente a isso, o governo também proíbe a sindicalização dos trabalhadores, greves e qualquer forma de organização que poderia ser interpretada como ameaça a ordem constitucional, em âmbito nacional. Getúlio Vargas torna sua figura cada vez mais carismática ao trabalhador, graças às sucessivas campanhas que eram veiculadas ao povo, tendo a imagem do presidente como amigo do trabalhador e pai dos pobres.

Muitos atribuem essas leis a uma inspiração a “Carta del Lavoro”, da Itália, que havia sido implantada por Benito Mussolini (FAUSTO, 2000, p.373).

Com as tensões políticas existentes em meados da década de 30, no Brasil, e as revoluções pelo mundo, nas primeiras décadas do século XX, a recém-instaurada lei de segurança nacional permite que a polícia do governo perseguisse os considerados inimigos da pátria, principalmente os comunistas. A partir de 1935, mesmo com o fracasso da intentona comunista, o movimento que pretendia derrubar o governo de Getúlio Vargas, liderado por Luís Carlos Prestes, ainda era tido como o principal movimento que representava uma nocividade ao governo.

Ao final da prisão de Prestes e da extradição de sua esposa Olga Benário para a Alemanha nazista, o movimento terminou derrotado, porém, mesmo com poderes quase que absolutos, Vargas manteve uma política de tolerância zero com opositores, dando autonomia a polícia. Isso significava que teriam respaldo do governo para prender todos e quaisquer membros de movimentos de oposição, inclusive do movimento integralista, que mesmo com certa semelhança ao regime instaurado por Vargas, ainda eram considerados inimigos do governo.

Com os meios de comunicação sob controle, tais como o jornal “O Estado de São Paulo” que foi expropriado pelo governo, e a criação programa de rádio “Voz do

Brasil” que deveria ser transmitindo diariamente, exaltando os feitos do governo, a imagem de Getúlio Vargas era enaltecida como líder soberano da nação. Não apenas a oposição, como toda imprensa estava cerceada perante os fatos que ocorriam no país.

Vargas até pouco antes da eclosão da entrada do Brasil na Segunda Guerra, ao lado das forças aliadas, em 1942, manteve estreitas relações tanto com os Estados Unidos, como com a Alemanha, que era o segundo parceiro comercial mais importante do Brasil na época. Na época, esses fatores tornavam o governo brasileiro conivente e simpático aos regimes nazistas e fascistas que, de certa forma, se assemelhavam em alguns pontos ao governo brasileiro, principalmente quando se referia à questão da censura prévia em meios de comunicação protagonizados principalmente pelo DIP e pela polícia secreta do governo brasileiro, chefiada por Filinto Muller. Vale lembrar que essa instituição era declaradamente simpatizante do regime nazista e se inspirava na Gestapo, polícia do governo alemão na época em questão, que também se encarregava de manter esse controle civil.

Muitos outros membros do governo da época, como o próprio ministro da guerra Eurico Gaspar Dutra, que posteriormente viria a se tornar Presidente da República, mostravam-se receosos da entrada do Brasil na segunda guerra, do lado da força aliada. Este fato culminou em uma espécie de política de neutralidade da nação, principalmente de Vargas, que aguardou até os últimos momentos para declarar guerra às forças do eixo. Isso aconteceu devido às pressões existentes por parte da população que, após o afundamento de uma série de navios brasileiros, exigia uma resposta imediata por parte do governo. Del Priore ressaltava como foi a negociação brasileira-estadunidense para a entrada do Brasil na guerra.

Enquanto se mantinha neutro diante da guerra, o governo brasileiro sofreu fortes pressões dos Estados Unidos para permitir às tropas norte-americanas o uso de portos e aeroportos do Norte-Nordeste, considerados fundamentais para a defesa do continente. O presidente Getúlio Vargas aproveitou a ocasião para obter dos Estados Unidos a promessa de reaparelhamento das Forças Armadas brasileiras e de construção de uma grande usina siderúrgica. Diferentemente da pífia participação na Primeira Guerra, as Forças Armadas brasileiras conclamaram recrutas. (DEL PRIORE, 2017, p.118).

Podemos pensar que Getúlio agiu com certa apatia em relação aos afundamentos dos navios em nossa costa, porém o que não podemos deixar de lado,

é que o que se buscava nada mais era que um bom acordo comercial. O Brasil e os Estados Unidos já possuíam uma relação sócio-política alinhada, contudo o Brasil buscava mais teor nos acordos de compra de armamentos e equipamentos estratégicos. Como os EUA sempre mantiveram uma política de restrição de armamentos à América Latina, Vargas teve suas propostas negadas pelo governo estadunidense, no que Skidmore (2000) chama de rejeição. Esse brasilianista explica:

Quando a guerra finalmente eclodiu em 1939, Getúlio e seus generais, lembrando dessas rejeições, preferiram permanecer neutros até que os Estados Unidos estivessem preparados para pagar um preço justo pelo apoio brasileiro. Além disso, os brasileiros continuavam a cultivar relações com as potências do Eixo como parte do jogo de usá-las contra os Estados Unidos. (SKIDMORE, 2000, p. 170).

Como os alemães mantinham uma política mais aberta a negociações com os brasileiros, e ofertas mais generosas que as até então oferecidas pelo governo Roosevelt, houve uma empatia que fez com que adiasse ao máximo nossa participação na guerra.

Vale a pena ressaltar que Vargas beneficiou-se diretamente do ministério da propaganda nazista, chefiado por Joseph Goebbels, que chegou a mandar equipes ao Brasil, para auxiliar o governo com a construção de sua imagem e de seu líder. A propaganda fortemente inspirada nos moldes nazistas tinha como objetivo influenciar a população.

Os organizadores da propaganda se valeram de símbolos e imagens na busca de consentimento e adesão da sociedade. A bandeira brasileira e a figura de Vargas foram os símbolos mais explorados nas representações visuais do Estado Novo. Muito significativo é o cartaz no qual se desenha o mapa do Brasil, colorido de verde, e no centro, a bandeira brasileira com a imagem de Vargas desenhada na esfera azul; ao lado havia os dizeres “Fortes e unidos, os brasileiros do Estado Novo são guiados pela grande trindade nacional: nossa Pátria, Nossa Bandeira e nosso Chefe”. (CAPELATO, 2007, p.123).

Seguindo essas concepções, a classe artística teve grande importância estratégica como socializadora das ideias governamentais junto às massas. Por exemplo, Vargas torna o cinema assunto de estado, igual ao que foi feito nos regimes alemão e italiano. A partir de então, o Brasil teve sua indústria cinematográfica alavancada com o apoio estatal. Coube ao Instituto Nacional de Cinema Educativo Brasileiro a tarefa de organizar filmes tidos como pedagógicos e, ao DIP, a tarefa de

realizar a censura previa do cine jornal brasileiro. Antes de qualquer exibição cinematográfica eram passadas curtas metragens, exaltando a comemoração de datas tidas como solenes, a exemplo do aniversário do próprio presidente, assim como o que pudesse reforçar a ideia de nacionalismo aos espectadores.

[...] Getúlio tinha a admiração dos artistas por uma razão muito simples. Foi o autor da lei que praticamente regulamentou a profissão e a lei do direito autoral, que deu uma estrutura ao recebimento desse direito - a lei Getúlio Vargas. Razão porque havia uma aura de agradecimento, de gratidão do artista a sua figura [...] todo 31 de dezembro havia uma serenata no jardim do palácio da Guanabara e o pessoal ia voluntariamente (HAUSSEN, apud LAGO, 1992, p. 85).

Na visão de governos autoritários, além desses fatos, a crescente ameaça comunista e o controle sobre os movimentos foram pontos em comum existentes entre eles. O Brasil teve a importante participação do capitão da polícia secreta do governo Olímpio Mourão Filho nesse processo. Esse personagem, décadas depois, com a patente de general, seria um dos principais agentes causadores do golpe militar. Em 1937, durante o governo do Estado Novo, ele foi o articulador do plano Coen⁵. Esse plano consistia em uma série de memorandos que supostamente revelavam um plano de implantação do regime comunista no Brasil, apesar da autenticidade destes documentos nunca ter sido comprovada. Vargas valeu-se do mesmo argumento para enfatizar, perante setores da sociedade, a importância da instauração do regime.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Vargas intensifica sua política nacionalista através da proibição do uso de línguas e dialetos derivados do alemão, italiano ou japonês. Além disso, houve a substituição de nomes de ruas, praças e avenidas que faziam alusão a figuras estrangeiras, para nomes que caracterizassem identidades nacionais. Há relatos de descendentes de italianos, por exemplo, que não sabiam falar português e tinham receio de sair de casa, pela possibilidade de serem presos. O fato de ir ao mercado comprar mantimentos poderia ser um dos motivos que feria a legislação vigente.

⁵ O Plano Coen foi um suposto documento de insurreição comunista que até hoje não foi totalmente esclarecido. Criado pela Ação Integralista Brasileira foi parar nas mãos do Exército, o que causou efeitos imediatos nas esferas políticas nacionais. O gesto só serviu para adiantar o golpe. Sob a alegação de que o texto estava sendo distribuído nos quartéis, Getúlio e a cúpula militar decidiram antecipar o golpe, mascado para o dia 15 de novembro. (FAUSTO, 2000, p.363).

Os italianos natos foram perseguidos e suas liberdades pessoais foram controladas, incluindo os da primeira geração. Nas repartições públicas, principalmente as federais e estaduais, colocavam cartazes com dizeres vistosos: “Aqui é proibido falar em italiano”. Outros “Tire o chapéu, fale português”. [...] O morador da colônia tinha medo de vir para a cidade porque o ambiente estava pesado. Diziam que existia a “polícia secreta” em todos os cantos. (ARIOLI, 2012, p.51).

No contraste entre a política nacionalista adotada por Vargas e a repressão que o cidadão sofria pelo governo, vemos a formação de uma espécie de “crise de identidade”⁶. Ao perguntar quem precisa de uma identidade, Hall (2006) afirma que as sociedades complexas fragmentam suas identidades. Nesse sentido, postula:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas [...]. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p. 9).

Pensar a identidade para aquele que vai para a guerra em defesa de sua nação implica em situar o conflito que muitos passaram neste momento em que o Brasil decide entrar em guerra. A identidade entra em choque e a pergunta que é feita é sobre qual identidade?

Hall (2006) traz três concepções de identidade importantes: o sujeito no iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Na primeira concepção, representa o homem centrado, racional, que possui uma identidade que o acompanha desde seu nascimento, portanto, imutável. Na segunda, entende que a identidade do sujeito é construída a partir da interação com o outro, ou seja, ele faz uma reflexão acerca da complexidade do mundo moderno e suas consequências. Na terceira, trata do sujeito pós-moderno, cuja identidade é móvel, não permanente, se constrói no decorrer da história e não é dada de forma inata. (HALL, 2006). O sujeito pode assumir identidades diferentes em momentos específicos.

Esse conceito de identidade que se transforma é pano de fundo para entendermos como um determinado grupo, de uma hora para outra, pode acabar assumindo alguma postura que antes não lhe fazia sentido, ou seja, como o Estado se apropria dos meios para criar tais sentimentos de identidade no sujeito.

⁶ Em seu livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, Stuart Hall (2005) explica que o conceito de identidade é fruto da modernidade e de suas transformações.

O impacto da doutrina governamental de Vargas produziu sérios danos para as culturas locais, onde os jovens brasileiros descendentes de nacionalidades europeias tiveram que abandonar hábitos mantidos por suas famílias abruptamente, por estarem relacionados a costumes de origem estrangeira. O resultado foi que essas competências se perderam nas gerações seguintes, muitas vezes não sendo possível a sua retomada. Hobsbawm (2002) fala sobre a invenção das tradições e como ela se constitui muitas vezes pelo processo de imposição a um determinado grupo.

Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Os historiadores ainda não estudaram adequadamente o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados. Ele é ainda em grande parte relativamente desconhecido. Presume-se que se manifeste de maneira mais nítida quando uma “tradição” é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador [...]. Talvez seja mais fácil determinar a origem do processo no caso de cerimoniais oficialmente instituídos e planejados, uma vez que provavelmente eles estarão bem documentados, como, por exemplo, a construção do simbolismo nazista e os comícios do partido em Nuremberg. (HOBBSAWM, 2002, p. 4).

Embora esse processo de imposição da repetição se mostre nocivo para a sociedade em determinados aspectos, “não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições neste sentido” (HOBBSAWM, 2002, p. 5). O que se espera, de acordo com o autor, é que estas transformações continuem acontecendo, de maneira que quando a sociedade se transformar, ela possa assumir novas características, não ficando presa a padrões que já não condizem mais com o seu atual significado.

No início do século XX, uma grande crise no sistema econômico mundial aflorou os sentimentos nacionalistas, levando os países mais poderosos do mundo a duas guerras mundiais. A participação do Brasil no segundo conflito foi consideravelmente maior do que no primeiro, onde havia se limitado a contribuir com o envio de medicamentos e profissionais da saúde. Mendonça (2008) especifica as diversas ajudas que o Brasil teve na Primeira Guerra Mundial:

Em sua contribuição ao esforço de guerra, o Brasil levou à França pessoal e equipamento para a instalação de um hospital-modelo para atendimento a feridos de guerra, assim como a equipe médica capaz de operá-lo, bem como também a guarnição militar para a proteção e guarda das instalações. Enviou à Inglaterra, para qualificação em voo, uma equipe formada por onze militares. E, em contribuição ao esforço aliado na guerra marítima, o Brasil

despachou, para presença e patrulhamento na costa noroeste da África, a Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG). (MENDONÇA, 2008, p. 12).

Em meados dos anos de 1940, após ter sido vítima de um “erro diplomático” nazista, que tinha por objetivo afundar qualquer navio que circulasse no oceano atlântico, juntamente com outras motivações de cunho político, inclinaram o país a abandonar a neutralidade, assumindo uma posição ativa.

O desejo de Getúlio de identificar o Brasil com a causa dos Aliados levou-o a oferecer três divisões do Exército brasileiro, cujos oficiais se entusiasmaram com a ideia, para combater os alemães no cenário de guerra do Mediterrâneo. Getúlio tinha dois importantes propósitos ao insistir no papel militar brasileiro: um era enfatizar a posição do Brasil como o único país latino-americano a enviar forças terrestres sob sua própria bandeira para a guerra [...] o segundo era despertar o orgulho brasileiro e dar ao público uma razão patriótica para apoiar o governo. (SKIDMORE, 2000, p.172-173).

Conseguindo um acordo aceitável com os estadunidenses e reforçando o sentimento de nacionalismo, o governo do Brasil entendeu que, se não entrasse na guerra naquele momento, provavelmente não haveria novas propostas posteriormente. Além disso, Santos (2006) observa que:

No Brasil de 1942, a pulsão da coletividade em apoiar a participação brasileira na guerra se formou a partir da cólera, da aceitação de riscos e do estouro da violência, após o ataque alemão aos navios mercantes brasileiros. Ao analisar a relação intrínseca entre pulsão e pressão, veremos que a pressão para a participação efetiva na guerra fazia parte do projeto político-ideológico do governo, que aproveitou a situação como forma de fortalecer a unidade nacional. A partir da criação de aparatos próprios para a difusão ideológica - Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), por exemplo - o governo foi capaz de difundir a imagem do Estado Novo, e, a partir de 1942, conscientizar e mobilizar a sociedade brasileira a favor da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (SANTOS, 2006, p.14)

De acordo com Santos (2006), a entrada do Brasil na Segunda Guerra, e conseqüentemente o envio das tropas da FEB ao teatro de operações é percebido como uma junção de forças que ele entende como pulsão e pressão. A primeira é quando o fato em si não faz nenhuma relação com o organizado, ou seja, ele é característico por ser um movimento externo, que não depende daqueles que geralmente sofrem com a sua ação. Neste caso, a atitude da Alemanha em relação ao Brasil, e os constantes ataques sofridos pelos seus submarinos. Já a pressão é entendida como sendo os meios que nos cercam, por exemplo, a imprensa e as

demandas eleitorais. (Duroselle, 2000, apud SANTOS, 2006, p.15). Encaixa-se toda a ideologia do Estado Novo de Vargas.

4.1 CONTEXTO DOS PRACINHAS NO SUL DO BRASIL

A Força Expedicionária Brasileira tinha como objetivo combater o nazifascismo⁷ na Itália, juntamente com os aliados. Foi criada em 1943, quando o governo brasileiro concedeu terras do nordeste para a instalação de uma base aérea norte americana. Fica evidente que a neutralidade até então existente, por parte do Brasil, havia terminado.

Devido à falta de treinamento, aos investimentos escassos e ao mau preparo das tropas brasileiras, muitos acreditavam que um soldado brasileiro jamais pisaria no solo europeu para lutar, porém, em meados de 1944, esse panorama muda. No dia 02 de julho, após reunir um efetivo de 25.334 soldados, compondo o corpo da divisão brasileira, comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, os soldados brasileiros partem rumo à Itália, divididos em cinco escalões.

Nesse território, o efetivo brasileiro é incorporado junto às divisões anglo americanas, enfrentando temperaturas de até vinte graus negativos, fome e falta de equipamento adequado. Os pracinhas brasileiros conseguiram obter importantes vitórias sobre alemães e italianos, onde a FEB teve sob sua rendição a lendária septuagésima quadragésima oitava divisão panzer do exército alemão que lutou na Rússia.

Foram vitórias decisivas para o controle da Itália, por parte dos aliados. Em oito de maio de 1945 é finalmente proclamada a vitória. Ao retornarem para casa, muitos soldados acabaram enfrentando problemas financeiros e psicológicos, por isso, a partir de 1963 foram criadas associações nacionais de veteranos da FEB, para honrar a memória desses bravos combatentes.

⁷ A participação da Itália no conflito foi um tanto conturbada. A partir de 1942, com as primeiras derrotas dos nazistas, o fascismo na Itália começa a perder força. Em 1943 Mussolini é preso e o Rei Vítor Emanuel III, apoiador do regime, acaba fugindo. Daí em diante a Itália passa a negociar uma rendição e os únicos que continuam lutando em seu país, são os soldados nazistas e alguns pequenos grupos de italianos defensores do antigo regime. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/fascismo-italiano---segunda-guerra-mundial-declinio-republica-de-salo-e-derrota.htm>>. Acesso: jun. 2018.

De acordo com o site da Prefeitura de Caxias do Sul, em dois de setembro de 1976 foi criado o Centro Cívico da cidade, que posteriormente viria a se tornar o museu da FEB. Esse espaço abriga memórias entre uniformes, armamentos, objetos em sua maior parte doados pelos caxienses que fizeram parte da divisão brasileira na Segunda Guerra Mundial. Entre os mais de vinte e cinco mil soldados que compuseram a FEB e foram enviados à guerra na Europa, cento e vinte um⁸ saíram de Caxias do Sul, sendo que doze eram civis, que se alistaram como voluntários.

Com a vinda de mais alguns, o efetivo de civis de Caxias completou a marca, decepcionante, de uma dúzia. [...] A multidão de comícios, de passeatas, sumiu. As desculpas esfarrapadas eram as mais esdrúxulas possíveis. (ARIOLI, 2012, p. 86).

Como o pracinha Arioli afirma acima, o país teve grande dificuldade para organizar o efetivo de guerra, treiná-los, assim como equipá-los. O lema da “cobra fumando” refletia a improbabilidade de aderência ao conflito por questões econômicas e também diplomáticas. Somente dois anos depois da declaração de guerra aos países que compunham o Eixo é que chegou a Europa o primeiro contingente brasileiro, que iria atuar no sul da Itália. Chegando em meados de 1944, com o objetivo de fazer com que os nazistas retrocedessem, mesmo mal equipados, a FEB conseguiu realizar um bom trabalho, logrando algumas vitórias estratégicas para os planos aliados. Além disso, destacou-se pela sua compaixão com os moradores das cidades com quais tinha contato, dividindo até mesmo suas refeições com eles, uma vez que, estando em guerra, a circulação de suprimentos ficava extremamente escassa, de modo que acabava se tornando comum a população passar por necessidades. Henriques (1959) elucida:

A FEB transformou-se [...] em algo mais humano, mais vivo, mais real. E os seus componentes, em atores de uma intensa representação onde houve de tudo: o humor, o erro de organização, o temperamento do chefe, a dor, a alegria, o medo da morte, a coragem irrefletida, a inquietação, etc. Representação em que o homem, com o seu coração e o seu psique, se revelou por inteiro. (HENRIQUES, 1959, p. 9).

O histórico de vida de muitos dos brasileiros que compuseram a Força Expedicionária era de sofrimentos e privações no Brasil. Quando estes chegaram à

⁸ Dado disponível no próprio Museu dos Ex-combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial.

Europa e viram a situação do povo que ali vivia, naturalmente se sensibilizaram com a causa. Então, além de libertar os italianos dos soldados nazistas, os brasileiros os alimentaram e trataram com bondade. Até hoje são feitas homenagens em algumas cidades por onde a FEB esteve na Itália, assim como aqui no Brasil. Conforme Rosenheck (2008), até meados dos anos 1980, haviam 192 monumentos em homenagem à FEB, localizados em 165 cidades brasileiras.

Além dos homens e das mulheres enviados, o país fornecia alimentos, matérias-primas, por exemplo, minerais e borracha, bem como produtos industrializados, como munições. Foi o caso da empresa caxiense Metalúrgica Gazola, que produzia material bélico e foi declarada de interesse militar, ou seja, que ficaria a serviço do Exército, a partir de 1942. De acordo com o filme “Proibido falar italiano”, o grave acidente na fábrica, que matou oito funcionárias, foi atribuído às longas, intensivas e exaustivas jornadas de trabalho.

Os jornais da época eram os principais meios de divulgação de informações sobre o que estava acontecendo no “velho continente”, além disso, traziam diretrizes do governo, tais como a proibição de comentários sobre o conflito europeu, enquanto o Brasil mantinha-se neutro. Na ocasião da invasão da Polônia pelos nazistas, o jornal “A Época”, que circulava na cidade de Caxias do Sul, trouxe a seguinte notícia:

NEUTRALIDADE! Vinte e cinco anos e dias após, voltam a ribombar os canhões e a ser derramado o sangue de outra geração, em uma nova conflagração europeia. Esgotadas, ao que parece, todas as tentativas para a solução pacífica dos problemas [...] o Brasil terá, indiscutivelmente, com a atual guerra, influências determinantes em sua economia interna e externa. [...] Livres, portanto, estamos para mantermos uma política que nos convier, política essa que salvaguardando os brios de nossa nacionalidade e princípios humanos que nos têm orientado até hoje, deverá se firmar em bases econômicas. Impõe-se-nos, entretanto, para que as consequências não nos resultem funestas como em 14, ou mais, que se adote intransigentemente a política da neutralidade. Mantendo uma neutralidade até quanto a nossa honra de povo livre e nossos interesses no-lo permitam e lutando com lealdade e com todas as nossas energias para esse mesmo alheamento material da grande hecatombe que está a destruir países irmãos, alimentemos a nossa fé e segurança nos destinos de nossa pátria, confiantes e serenos, ainda, de que os nossos governantes, mais uma vez, saberão compreender o seu povo e manter sua integridade moral e material lutando com todas as suas forças até o inevitável. Caxias, 2/9/39. (NETTO, 1939, p. 1).

Embora muitas vezes com notícias já editadas externamente, divulgavam algumas informações locais, por exemplo, a lista de nomes de quem já havia comprado algum bônus de guerra, ou então a lista de nomes de “italianos livres”, que

moravam em Caxias, mas que estavam contra a política de Mussolini e Hitler. Mesmo durante o confronto, Getúlio Vargas utilizava esse meio para consolidar seu governo, ainda que de uma forma controversa, pois se incentivava o ódio a qualquer tipo de prática estrangeira que fizesse alusão a aqueles governos ditatoriais, isto é, se exaltava a democracia, ao passo que o Brasil vivia sua própria ditadura.

Além disso, autobiografias como a de Alberto Arioli, ex-combatente da FEB, proporcionam um outro olhar sobre a cidade, uma vez que, além de trabalhar a questão do conflito mundial, ele também traz relatos do cotidiano em seu livro. Os dados fornecidos por Arioli ajudam a contextualizar o momento em questão. Apesar de ser uma autobiografia e estar carregada de emoções, que confundem a veracidade dos fatos, é um olhar sobre a experiência de guerra.

Como diria Burke (2008), a narrativa histórica contada por ela mesma traz consigo pistas sobre o mundo em que aconteceram. Essas pistas são muito mais importantes como método de análise, do que a finalidade do discurso em si. Isso nos coloca dentro da perspectiva da história cultural que, por vezes, entende os elementos do contexto como os mais importantes. Neste caso, por meio dos relatos desta autobiografia, tem-se a permissão de saber um pouco sobre como era a vida antes e durante o Estado Novo. Como se dava a organização econômica da cidade e também da região, uma vez que o autor morou em outras cidades próximas.

O preço que se paga pela guerra é bastante elevado em se tratando de vidas humanas, jovens, postas em xeque pelas disputas de um ou mais homens. Mesmo tendo adentrado apenas ao final do conflito, a força expedicionária brasileira teve 421 mortos e 23 desaparecidos, segundo o levantamento oficial. Sem contar os meses que mais de vinte mil jovens brasileiros ficaram na Itália enfrentando frio e todas as provações que pessoas expostas a essas condições são colocadas. No regresso, eles são recebidos como heróis em uma parada militar em comemoração à vitória, porém, pouco tempo depois, estavam à mercê da própria sorte, sem qualquer apoio do governo com quais quer problemas que pudessem ter adquirido em função do conflito.

Quanto ao governo brasileiro, antes mesmo do final da Segunda Guerra Mundial, em 1943, surgem manifestações pela volta do Estado de democracia, cujas pressões tomavam proporções cada vez maiores. O governo enfrenta dificuldades de cercar as mais diversas formas possíveis de manifestações. Eurico Gaspar Dutra, ministro da guerra, vai a Itália visitar os pracinhas brasileiros. Nessa viagem, ele é

interpelado pelos oficiais, que lhe comunicam do anseio dos que lá estavam pela volta da democracia no país.

Em meados de 1945, com a crescente oposição ao governo, e certa derrocada na linha de poder de membros que formavam o primeiro escalão do próprio governo, o governo enfraquece e começa a perceber seu término. O governo perde ministros fortes, como Osvaldo Aranha, que renunciou ao cargo em oposição à violenta repressão que estava sendo feita aos manifestantes dos movimentos sociais. Contudo, mesmo com a tentativa do governo de restabelecimento de seu controle, em 29 de outubro se dá o golpe militar que depôs Getúlio Vargas do poder.

Embora o sistema de governo do estado novo e o próprio regime tenha sido derrubado, a figura de Getúlio Vargas demonstrou ser maior que o governo, pois logo nas eleições seguintes a queda do governo Vargas elege o candidato de sua preferência, que era Eurico Gaspar Dutra. Avanços na economia, retrocessos nos direitos civis, políticas voltadas às massas e mesmo assim o poder de compra da população mais pobre sendo encarecido, conflitos internos e externos são alguns dos fatores que caracterizam o período da nossa história conhecido como Estado Novo, que tanto desperta interesse por parte dos historiadores.

É importante lembrar que os pracinhas caxienses, muitos se alistaram voluntariamente e surpreenderam suas famílias quando as avisaram da intenção de lutar na guerra. A participação de gaúchos na guerra e do treinamento que o exército fez em São Leopoldo pode ser encontrado nas narrativas feitas por Alberto Arioli no seu livro *Cabedelo*, exposto no site *No período da Guerra*, a cidade era governada pelo Prefeito Dante Marcucci que apoiou a participação dos pracinhas, valorizando suas decisões de lutarem no Exército Brasileiro.

Caxias do Sul, na década de 1940 era constituída por uma população de descendentes italianos. Segundo Mem de Sá (1975, p.79), “a população de Caxias era de 40.400 habitantes” sendo na sua maioria de origem italiana. A colônia Caxias havia crescido e se destacava na economia nacional pela sua produção industrial. Durante a guerra, algumas de suas indústrias tornam-se de “interessa nacional” como é o caso da Metalurgia Abramo Eberle, Metalúrgica Gazzola e o Lanifício São Pedro S.A.

Figura 1 – Desfile dos soldados caxienses a caminho da guerra



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 2017.

Figura 2 - Desfile dos soldados caxienses a caminho da guerra



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 2017.

Figura 3 - Desfile dos soldados caxienses a caminho da guerra



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 2017.

5. LUGARES DE MEMÓRIA: O MUSEU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Fazendo uma análise metodológica, devemos lembrar que as fontes “não oficiais” por vezes foram consideradas secundárias dentro de um processo de pesquisa, em função de uma possível “ausência de autenticidade”. É claro que as influências ocorrem, mas não há como mensurar a importância das fontes somente por esse aspecto. A abordagem que a “História do Tempo Presente” oferece apresenta um olhar mais “próximo” do objeto de estudo, o que ainda causa certo desconforto no meio acadêmico, como nos mostra Ferreira (2000):

É preciso lembrar que a história dos fatos recentes nem sempre foi vista como problemática. Na Antiguidade clássica, muito ao contrário, a história recente era o foco central da preocupação dos historiadores. Para Heródoto e Tucídides, a história era um repositório de exemplos que deveriam ser preservados, e o trabalho do historiador era expor os fatos recentes atestados por testemunhos diretos. Não havia portanto nenhuma interdição ao estudo dos fatos recentes, e as testemunhas oculares eram fontes privilegiadas para a pesquisa. O que alterou esse quadro? Por que, no século XIX, a história recente, então chamada de contemporânea, tornou-se um objeto problemático? O ponto de partida para entender esse processo é a constatação do triunfo de uma determinada definição de história a partir da institucionalização da própria história como disciplina universitária. Essa definição, fundada sobre uma ruptura entre o passado e presente, atribuía à história a interpretação do passado e sustentava que só os indivíduos possuidores de uma formação especializada poderiam executar corretamente essa tarefa. (FERREIRA, 2000, p. 111).

O que a autora traz é a questão da consistência das fontes e dos vieses que elas representam. A visão tradicional está ligada a conceitos mais “sólidos”, que não geram tanta discussão sobre sua metodologia. De acordo com Ferreira (2000), essa preocupação dos historiadores com o “sólido” era uma necessidade de se atribuir valor ao trabalho destes profissionais, uma vez que, antes disso, a história ficava a cargo de outros profissionais, como os advogados, por exemplo.

A história e a memória, seja ela coletiva ou individual, não podem ser confundidas. A primeira seria a continuidade da segunda, que só é possível onde há um grupo social, ou seja, a história apresenta um caráter mais impessoal, já a memória permite a renovação de fatos muitas vezes esquecidos.

Os testemunhos dos acontecimentos históricos ajudam a revelar espaços que nem sempre eram compreendidos. Por se tratar de um testemunho, Pollak (1989) faz uma breve análise do discurso:

Assim como uma “memória enquadrada”, uma história de vida acolhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Mas assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual, como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados. (POLLAK, 1989, p. 11)

Ou seja, ao invés de descredenciar a fala do narrador pela abordagem como foi feita, o historiador agora poderia se utilizar deste instrumento para um aprofundamento da intenção daquele narrador. Em outras palavras, ao invés de se fazer uma análise somente sobre o que está sendo dito, poderia também ser observado o que, de alguma forma, por qualquer motivo que fosse, tivesse sido omitido. Pode ser um importante ponto de partida para inúmeras pesquisas, tanto de antes do conflito mundial, quanto de depois.

Os relatos presentes na autobiografia escrita por Alberto Arioli (2012), que narra sobre a sua participação e dos pracinhas na Segunda Guerra Mundial, podem ajudar a entender algumas políticas administrativas adotadas, na época, pelo governo brasileiro e como elas foram absorvidas pela população, assim como auxilia a compreender a rotina das famílias com descendência de imigrantes que moravam na cidade de Caxias do Sul.

Nesse sentido, a evolução dos meios de comunicação e sua rapidez provocaram aquilo que Nora (1993) chama de “fenômeno de curta duração”, onde os fatos, por serem mais dinâmicos, tornam a história mais dinâmica. O historiador completa:

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas representaram o modelo e guardaram consigo o segredo - e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque são levadas pela mudança. (NORA, 1993, p. 8).

O uso da metáfora “aceleração” quer dizer que caminhamos cada vez mais rápido para um passado completamente morto. Expandimos nossa percepção sobre ele quando as lembranças que nós temos acabam em contato com as de outros de um mesmo grupo. Apesar da história e da memória possuírem conotações diferentes, ambas necessitam ser administradas. A primeira, por ser volátil, busca o ocorrido de

uma situação que já é passado, ainda que de maneira fragmentada e dificultosa. A segunda, por ser uma ação sólida, isto é, que sempre acontece no presente.

Como a memória é sempre muito questionada por sua “integridade” pela história, os “lugares de memória” sobrevivem à ideia de que não existe memória espontânea, que se faz necessário à manutenção de datas comemorativas e a criação de instituições. Neste caso, a perpetuação dos lugares de memória possibilita, ao ensino de história, um distanciamento dos efeitos causados pelos fenômenos do imediatismo e também dos avanços da sociedade. Nora (1993) também acredita que a aproximação do historiador com seu objeto de estudo, em um contexto de História do Tempo Presente, evitaria o uso de narrativas direcionadas, que pudessem de alguma forma limitar os estudos.

A sociedade que vive cada vez mais a doce sensação da informação instantânea, amarga também seu esquecimento prematuro. Os processos históricos, que antes sempre se viam ligados a documentações oficiais, que geralmente seriam documentos impressos, se vê agora com certa variedade de fontes de pesquisa.

O historiador e sociólogo Pollak (1992) traz alguns questionamentos quanto ao uso de fontes, no que diz respeito ao seu caráter interpretativo.

No caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material. (POLLAK, 1992, p. 200).

A desconfiança do autor em relação às fontes está diretamente relacionada aos conceitos e características da memória atribuídos por ele. Entende-se como memória os acontecimentos que envolvem pessoas ou personagens, e que nem sempre precisam ter uma ligação direta com quem os relata. Dessa forma, Pollak (1992) afirma que a memória pode ser “herdada”, geralmente de algum familiar ou por algum marco que envolva a sociedade de uma maneira mais ampla.

[...] pudemos verificar, na maior parte das regiões francesas, que, embora haja datas oficiais relativas ao fim da Primeira Guerra Mundial, dia 11 de novembro, e da Segunda Guerra, dia 8 de maio, na prática, quase que espontânea e automaticamente, as populações só guardavam uma única data, o 11 de novembro. O 8 de maio era claramente identificado como um feriado qualquer, como um domingo, enquanto no 11 de novembro realizavam-se comemorações duplas, alusivas a ambas as guerras. As memórias individuais e a atuação das associações de ex-combatentes juntavam-se para atribuir à Primeira Guerra um peso maior para a história da

França do que a Segunda, através de uma memória mais traumática, ligada ao número de vítimas. (POLLAK, 1992, p. 203).

O que se percebe é que houve uma substituição cronológica, ou seja, grande parte da população pode nem ter presenciado o fato ocorrido, porém acabou assumindo todo o seu significado, em função do grande trauma que lhes foi ensinado. Se um fato traumático ou memorável por boas qualidades pode superar outro na categoria de importância para determinado grupo, deixando de lado a discussão sobre o que seria realmente importante, isso nos mostra que a memória é seletiva, e, portanto, escolhe o que preservar e o que esquecer.

Pollak (1992) utiliza o termo “flutuações” quando se refere ao fato da memória transitar entre os fragmentos herdados e a lembrança coletiva que muitas vezes se dá por processos políticos. Ela é algo que se constrói, mas que não necessariamente o sujeito participe ativamente de sua ação. Pelo contrário, ele pode acabar sendo conduzido a uma reflexão que não parte de si mesmo. Quando tratamos de situações traumáticas, ou de grande apelo emocional, a memória, enquanto processo oriundo de herança, acaba abordando o tema de identidade sem qualquer pretensão de aprofundamento, mas que naquele momento, dadas as circunstâncias, se mostra suficiente. Ainda de acordo com Pollak (1992):

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearranjos, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. (POLLAK, 1992, p. 206).

Então, ainda que constituindo uma conotação simples, a memória é peça fundamental na formação da identidade de um indivíduo. Halbwachs (1990) traz a ideia de que a memória coletiva inspira, de uma certa forma, a confiança, uma vez que somos forçados a crer em coisas que não vimos, e a sentir emoções das quais não participamos da criação, e completa:

Durante o curso de minha vida, o grupo de que fazia parte foi o teatro de certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci senão pelos jornais ou depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros. [...] Uma memória emprestada, que não é minha. [...] Por uma parte de minha personalidade, estou engajado no grupo, de modo que nada do que nele ocorre, nada do que o transformou antes que nele entrasse me

é completamente estranho. Mas se quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de tal acontecimento, seria necessário que juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é objeto entre os membros do grupo. (HALBWACHS, 1990, p. 54-55).

Conforme Halbwachs (1990), a importância da memória, como um todo, se dá com a ideia que seria a partir da lembrança coletiva que se poderia buscar a reorganização do passado como algo consistente. Trazendo para a problemática da participação dos pracinhas, oriundos de Caxias, na Segunda Guerra, e o Museu como legado para a cidade, vemos essa memória coletiva se esvaindo e tendo pouca continuidade. A memória não se basta por ela mesma, são necessárias conexões, que a história deve trabalhar. Halbwachs (1990) conclui:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito, como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 34).

O papel de uma lembrança estruturada é o estímulo para a história. Como diz o ditado: “só se ama aquilo que se conhece”. Caxias do Sul não tem uma verdadeira dimensão de sua participação no conflito, porque essa memória é fragmentada, não trabalhada, e extremamente escassa, em função da dificuldade de se falar sobre, ou seja, o trauma. Então, o lugar de memória, no caso o Museu dos Ex-combatentes da FEB, possibilitará esta ligação entre a memória do público visitante e a história por ele apresentada, o museu como espaço de memória tem como principal objetivo reconstituir a partir de fragmentos da história, demonstrar períodos do passado que, por sua vez, com a dinamização da informação e a instantaneidade que a tecnologia nos propicia, estão ficando em segundo plano.

A memória é a identidade de um povo, de sua cultura e de sua história. Uma sociedade que não a cultiva torna-se algo sem características, sem reconhecimento, por ter essa ausência de identidade. Neste meio, o museu também tem a finalidade de dar acesso e oportunidade para que as pessoas observem as contradições dos fatos às versões consolidadas, e, assim, a partir de suas análises, possam chegar às conclusões dos fatores históricos que instigaram o senso crítico nos mesmos.

É interessante ressaltarmos que os fatos nunca são totalmente verídicos, pois derivam de fontes que nem sempre os retratam como ocorreram. Um museu como o da FEB, exemplo que está intimamente ligado às memórias de pessoas que lá estiveram, torna-se muitas vezes subjetivo às relatividades destas pessoas que são os narradores dos fatos, que mesmo com a presença de fontes escritas, visuais, tem muito da influência das pessoas que lutaram e posteriormente deram seus relatos. Concluindo este pensamento, Candau (2013) completa:

Um argumento mais forte é o da confusão entre evocação (as lembranças manifestadas quando são, por exemplo, verbalizadas ou transcritas) e as lembranças propriamente ditas. As lembranças manifestadas não se confundem com as lembranças tais como são conservadas (e cujo conteúdo resta incerto, inclusive para os primeiros interessados) e são apenas a expressão parcial entre outras tantas possíveis. (CANDAU, 2013, p. 33).

O que podemos concluir é que o museu traz apenas uma das possíveis interpretações acerca de um determinado fato. Porém, o mais importante é a ligação que esta instituição proporciona, relacionando a questão observada com quem a observa. Este fato cria no observador, como Aras e Teixeira (2013) afirmam, a sensação de poder ser um “agente da história”.

A conservação, portanto, funda-se num processo de reflexão que se desenvolve no contexto social – escola, bairro, cidade – levando o indivíduo a perceber sua importância no grupo e a perceber-se como cidadão e agente do processo histórico. (ARAS e TEIXEIRA, 2013, p. 4).

Também podemos constituir o espaço museológico como algo que se refere à constituição de referência, a memória em espaço físico, ou seja, trata-se de um ambiente propriamente constituído para preservar determinadas memórias que são algo próprio de determinadas culturas. Podemos observar que os índios, dentro de suas culturas e formas de convívio, valorizam muito a memória, porém com uma grande diferença, já que não existem espaços em suas tribos ou aldeias que se referem a um museu propriamente dito, tal como temos em nossa cultura. Suas histórias são passadas de forma oral de geração após geração.

A memória é algo que pode ser preservada de muitas maneiras. Ela é o alicerce que impulsiona a continuidade das gerações seguintes, mesmo quando transmitida apenas de forma oral, detém o poder de dar sentido ou até de pertencimento aos indivíduos que nela se constituem ou estão inseridos de alguma forma.

A partir da definição de museu como uma referência de memória, podemos observar o panorama de Caxias do Sul referente à memória histórica. Constata-se que se referem basicamente à cultura e à imigração italiana dentro de seus mais diferentes aspectos. O próprio museu da FEB abrange a questão da participação de Caixas do Sul na Segunda Guerra Mundial, ou seja, a participação da cidade no conflito, pelos olhos e vivências daqueles que lá estiveram combatendo. Trata-se de uma referência de história e memória onde são constituídas como traços da identidade da cidade, como documentos que identificam as características do lugar e dos que ali vivem. Observamos também que essas marcas não apenas caracterizam a localidade, mas servem de locomotiva para atrair pessoas para estas localidades, a fim de conhecer e inteirar-se desta cultura, seus costumes e tudo aquilo que abriga como definição de identidade cultural.

O próprio museu da FEB objetiva “abraçar” um panorama internacional, contextualizando a ida dos pracinhas a terras estrangeiras para lutar. Isso dá uma particularidade especial a este espaço, dando ênfase a todos que lá passaram, pela amplitude de uma visão internacional, contextualizada com a ambientação local. No que diz respeito ao contexto histórico estudado, o trato do museu é uma oportunidade para várias áreas do conhecimento serem utilizadas como fonte de pesquisa, através de diferentes estratégias de interdisciplinaridade, para o uso do ensino da própria história.

A visitação em um museu ou em um espaço de memória oportuniza a experimentação teórica, por parte dos estudantes ou mesmo visitantes, de um determinado fato histórico. Os alunos podem partir de uma primeira impressão em sala de aula, e ter a oportunidade de vivenciarem a experiência, por meio da reconstituição de fatos através de objetos, imagens, vestuário, etc., tendo o professor dado as bases principais da temática que será abordada em museu, para os alunos terem uma pré-referência do assunto e assim participarem da visita com uma contextualização prévia em relação aos acontecimentos históricos.

No século XXI, os museus são espaços de reflexão e não de uma história pronta, sem versões subsequentes ou antagônicas. São locais de aprendizado, sendo assim, considerados, em constante dinâmica, uma vez que novas descobertas podem ser incluídas e provocar novas versões. O museu torna-se um braço que agrega estudos e pesquisa por parte dos acadêmicos, dos historiadores, dos professores, dos

arqueólogos e todos aqueles que se sentem responsáveis por construções de noções históricas até o público em geral.

6. O MUSEU DA FEB: PERCURSO INTERNO

A estrutura de disposição do acervo dos museus consiste em organizar de forma que todas as peças possam estar demonstradas aos visitantes da melhor maneira possível. O funcionamento deste sistema consiste em estar com uma linha cronológica de evolução dos fatos que possa possibilitar tanto ao mediador, quanto aos visitantes acompanhar um desenvolvimento de raciocínio estrutural da forma mais organizada possível.

O trabalho de um monitor, por exemplo, que é o grande anfitrião de qualquer museu, é receber, dialogar e intermediar todas as visitas guiadas pelos espaços históricos. Cabe a ele ter no roteiro que proferirá aos visitantes o máximo de clareza e construção da realidade histórica que está sendo retratada. Isso justifica a importância dos museus seguirem na própria disposição das peças o máximo possível de uma linha cronológica dos fatos históricos, pois as contextualizações caberão ao mediador.

O museu da FEB representa um espaço de visita que trata da participação dos soldados caxienses na Segunda Guerra Mundial. A riqueza desse museu se expressa no conjunto de objetos que abriga. Apresenta um universo próprio de quem esteve na guerra e quer narrar suas experiências para o visitante. O museu conta com várias peças onde estão expostos quadros que representam o acontecimento histórico e seus protagonistas. O percurso está dividido em oito painéis que representam cenários da guerra e a participação dos soldados na mesma.

O percurso adotado pelo Museu da FEB começa com a apresentação de um vídeo para o público, fazendo a primeira explanação sobre o tema. O filme é oferecido em uma sala à parte, onde também se encontram outros vídeos. É importante uma ambientação, para que aqueles que desconhecem a história a ser contada possam fazer um melhor aproveitamento do roteiro oferecido pelo museu. Logo após, começa a visita guiada pela sala de exposição. Ela começa com a explanação da situação política mundial, através do primeiro painel disposto no roteiro de visita, que permite retratar as evocações do cenário pré-guerra.

6.1 PRIMEIRO PAINEL: O CONTEXTO MUNDIAL

A severidade do Tratado de Versalhes que, após a primeira guerra mundial praticamente aleijava a indústria alemã, deixou quase “meio que certo” a chegada de uma figura como a de Adolf Hitler. Não apenas por ele ter tido grande perspicácia de observar o contexto social em que se encontrava e tomar partido disso para benefício próprio, como também por todas as condições que foram propícias para a instauração de um regime totalitário, entre elas: inflação a níveis astronômicos, desemprego, déficit em todas as áreas da estrutura social e etc.

Todo o conjunto da obra culminou no desenvolvimento econômico a partir da indústria bélica e, conseqüentemente, em um novo conflito na Europa que, desta vez, teria proporções muito maiores. Para o Brasil, o fato de adentrar a guerra ao lado dos aliados oportunizou alguns benefícios como a criação da siderúrgica nacional. Financiada com dinheiro norte americano, a siderúrgica nacional foi um grande marco no desenvolvimento industrial brasileiro, embora tivesse sido necessária a construção de uma base aérea americana no nordeste, como moeda de troca.

Nesse processo de barganha de capital de guerra, foram negociadas divisas enquanto jovens davam a vida em nome de líderes, assim chamados, que se quer haviam conhecido os campos de batalha.

Valendo-se de imagens como fonte, o painel tem por base reafirmar o poder exercido pelo partido nazista e pelo seu ditador junto a população alemã. Mostra na primeira e segunda imagem sua personificação enquanto chefe de Estado, e como a população aderiu às suas propostas. Já na terceira e quarta imagem, pode-se observar a brutalidade desta expansão imperial. Dá-se a ideia de justificativa da participação de outras nações no conflito, inclusive a brasileira.

O texto deste painel aborda o contexto a nível mundial e também trata do Brasil, ao retratar as políticas do Estado Novo que, como anteriormente falado, foram fundamentais para a participação da FEB na guerra.

Os objetos expostos compreendem equipamentos pessoais como aparelhos de barbear, kits de primeiros socorros e bíblias, com a intenção de relativizar a memória coletiva de um acontecimento tão importante, onde a memória individual aproxima o visitante dos ex-combatentes, com a ideia de que, antes de serem soldados lutando em uma guerra, eram seres humanos com necessidades comuns as de um cidadão que não está na guerra.

6.2. SEGUNDO PAINEL: A REPERCUSSÃO DA GUERRA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Como já foi mencionado, o fato de os meios de comunicação não serem totalmente difundidos e as regiões serranas serem de colonização alemã e italiana, obviamente fariam alguns habitantes apoiarem as forças do eixo. Porém, devemos lembrar que a própria situação política do Brasil gerava uma série de controversas, pelo fato do país estar vivendo um regime autoritário que controlava os movimentos de oposição, em todas as suas formas de manifestação, gerando um clima de tensão política. Nessas condições, os expedientes necessários para deter tensões e disputas ideológicas pelo próprio poder enfrentava dificuldades. Contudo, a entrada do Brasil ao lado dos aliados foi o encerramento destas disputas.

Na região de Caxias do Sul houve pelo menos o início de um nacionalismo forçado, já que todo e qualquer cidadão acusado de espionagem teria suas posses apreendidas e seria levado às delegacias locais. Desta maneira, houve um forte discurso do nacionalismo, limitando os interesses antagônicos. A título de curiosidade, alguns meses antes de cometer suicídio, Getúlio Vargas vem a Caxias do Sul, para inaugurar o Monumento Nacional ao Imigrante que seria destinado a todos e qualquer imigrante. Muitos tomam esse monumento como uma espécie de desculpas à população da região que sofreu com as perseguições, por parte do governo, durante os anos do conflito.

O segundo painel tem por objetivo mostrar a dicotomia de pensamento do governo brasileiro e do povo em relação ao conflito. Faz uma análise rápida sobre algumas fontes importantíssimas para entendermos o desdobramento dos acontecimentos na região, por meio do uso de jornais como “A Época” e “O Momento”. O painel 2 faz uso de uma imagem para mostrar o descontentamento da população caxiense com a aparente neutralidade do governo. Por fim, vemos o uso da oralidade através da fala de um jornalista, no sentido de dar mais embasamento aos fatos e uma “veracidade e autenticidade” para o que estava sendo colocado em questão.

Os objetos expostos no segundo painel, como bússolas e máscaras de oxigênio, sugerem ao visitante o nível de violência que os soldados brasileiros encontraram no ambiente de guerra.

6.3 TERCEIRO PAINEL: A POLÍTICA NACIONAL

O fato do Brasil participar na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados expressa uma ambiguidade, por parte do governo brasileiro, como já foi mencionado anteriormente. Houve hesitação por parte do governo getulista que flertou a possibilidade de ingressar ao lado do eixo movido por Alemanha, Itália e Japão. O fato da região Sul do Brasil, em especial a Serra Gaúcha, constituir-se por predominância de imigração alemã e italiana, criou uma situação complexa. Considerando que parte da população que vivia ao Nordeste do estado era de origem europeia, não falava português, tinha dificuldades de acompanhar os desdobramentos do que ocorria em seus países de origem. A falta de informações que chegava apenas pelos jornais à grande massa não lhes permitia entender as dimensões da guerra, tal como lutar contra os próprios parentes. O rádio era um artigo de luxo que, na ocasião, tornava antagônicas as opiniões da população destas localidades. Todos esses fatores culminaram em perseguições e prisões, por parte da polícia do governo, o que criou um clima ostensivo, marcado pelo constante estado de medo, por parte dos cidadãos que viviam com a desconfiança e com o receio de serem denunciados às delegacias como espiões.

O terceiro painel se apropria de três fontes diferentes: imagens, discursos de cidadãos e jornais. De certa forma, o painel coloca em questão o posicionamento do país frente o conflito. Mostra que os cidadãos caxienses foram pegos de surpresa por atos impostos pelo governo. Exemplifica por meio de diversos aspectos: a) a proibição de línguas estrangeiras no cotidiano, retratada por meio do discurso de um dos moradores; b) as notícias trazidas pelos jornais apontam a preocupação pela avaliação do departamento de censura do governo, o que de certa forma limitava a socialização das notícias. O texto disposto levanta uma questão cultural quanto à proximidade dos gaúchos com os “inimigos” de guerra na Europa, e como algumas leis nacionais repercutiram negativamente na região. Deixa claro esta paridade cultural. O fato que aflorou ainda mais os ânimos foi o acidente fatal na fábrica de munições, que ocorreu em Caxias do Sul, criando uma desconfiança do interesse militar na economia da indústria caxiense, bem como salientando a fragilidade da indústria e a alta participação da mulher no setor.

6.4 QUARTO PAINEL: A ENTRADA DO BRASIL NA GUERRA

A força expedicionária brasileira tinha como objetivo combater o fascismo de Mussolini na Itália, juntamente com os aliados. Foi criada em 1943, quando o governo brasileiro concedeu terras do nordeste para a instalação de uma base aérea norte-americana. Fica evidente que a neutralidade até então existente, por parte do Brasil, havia terminado. Devido à falta de treinamento, investimentos escassos e mau preparo das tropas brasileiras, muitos acreditavam que um soldado brasileiro jamais pisaria em solo europeu para lutar. Em meados de 1944 esse panorama se modifica e no dia 02 de julho, após reunir um efetivo de 25 mil soldados, compondo o corpo da divisão brasileira, comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, os soldados brasileiros partem para a guerra.

O exército brasileiro é incorporado junto às divisões anglo americanas, enfrentando temperaturas de até vinte graus negativas, fome e falta de equipamento adequado, nossos pracinhas conseguiram bravamente obter importantes vitórias sobre alemães e italianos, onde a FEB teve sob sua rendição a lendária septuagésima quadragésima oitava divisão panzer do exército alemão, que lutara na Rússia. Foram vitórias decisivas para o controle da Itália, por parte dos aliados. Em oito de maio de 1945 é finalmente proclamada a vitória.

O país teve grande dificuldade para organizar o efetivo de guerra, treiná-los e também equipá-los. O lema da “cobra fumando” refletia a improbabilidade de aderência ao conflito, por questões econômicas e também diplomáticas. Somente dois anos depois da declaração de guerra aos países que compunham o Eixo, é que chegou a Europa o primeiro contingente brasileiro, que atuou no sul da Itália.

Neste quadro é nítido como o país foi relutante com a decisão de entrar no conflito. Além disso, mostra que não foi tão bem recebido pelos países que compunham o grupo dos aliados, uma vez que toda ajuda era bem vinda.

O treinamento da tropa oriunda da região da Serra Gaúcha foi dividido em três etapas: São Leopoldo, Rio de Janeiro e Nápoles. A fase inicial do treinamento foi a mais difícil, ou seja, a que foi realizada em São Leopoldo, onde se juntaram ao efetivo soldados vindos do interior, que não sabiam falar português. Muitos sabiam o alemão e outros apenas o dialeto do país de origem.

A unidade recebeu gente do interior (estes, convocados). Pessoas da colônia alemã que não sabiam falar português. Dava pena, eram pessoas humildes, da colônia, mas tínhamos alguns sargentos que falavam alemão, por serem da região e, isto, facilitava bastante. O nosso comandante, muito rígido, resolveu mandar colocar no braço desses soldados, uma fita preta, com a recomendação de que somente poderia sair do quartel quando eles soubessem um o português razoável. Para tanto, foram convocadas algumas professoras da cidade para dar aulas, que ocorriam à noite. (ARIOLI, 2012, p. 87).

A imagem mostra as condições como os soldados foram transportados até o conflito, em navios adaptados, recebendo apenas uma refeição por dia, durante quinze dias. Os itens expostos que explicam esse painel são materiais bélicos como granadas, projéteis variados, alguns de fabricação alemã e outros americana, trazendo um pouco da ideia dos diferentes armamentos que os soldados treinaram para participar do conflito.

6.5 QUINTO PAINEL: A PREPARAÇÃO DA FEB

Jovens de todo o Brasil ajudaram a compor a Força Expedicionária. Fosse a respeito do desejo por justiça em relação ao que se pregava sobre os navios brasileiros afundados, ou por terem sido convocados pelo serviço militar obrigatório. Tardiamente formada, a Força Expedicionária Brasileira contava com 25.334 homens. De acordo com Arioli (2012), foi composta por uma infantaria divisionária, três regimentos de infantaria, uma artilharia divisionária, quatro unidades de artilharia, órgãos divisionários e tropas especiais, entre eles 67 enfermeiras, 25 capelães e 28 funcionários do Banco do Brasil. Com exceção das 67 enfermeiras e um outro pequeno grupo de 110 militares, os outros 25.157 homens que compunham a FEB viajaram de navio para o conflito na Europa (ARIOLI, 2012). A viagem durava em torno de 15 dias e o efetivo brasileiro foi dividido em cinco escalões. O primeiro chegou à Itália em julho de 1944.

O fato do treinamento das tropas durar em torno de 7 meses até seu primeiro envio para a guerra, nos mostra como o governo não estava encarando o conflito como algo iminente. Ao mesmo tempo, possuía fortes aspirações a se tornar aliado dos países que formavam o Eixo. O fato é que isto não aconteceu e a FEB foi montada por pressão americana e treinada aos seus moldes também. No painel em questão podemos observar uma série de relatos de soldados explicando como foram parar na

guerra. Esses relatos mostram que havia um sentimento de raiva que pairava sobre a população brasileira, mas que, ao mesmo tempo, havia confusão de informações.

As imagens mostram as várias etapas do treinamento das tropas que saíram da região da Serra Gaúcha, indo primeiramente para Novo Hamburgo, em seguida para o Rio de Janeiro e logo depois Nápoles. Os itens expostos com este painel são acessórios para o frio, como luvas e toucas, que remetem as necessidades que os nossos soldados passaram na Itália, enfrentando temperaturas baixíssimas.

Os comandantes esperavam combater na África do Norte, portanto as tropas receberam uniformes de verão, mas a Força Expedicionária Brasileira, ou FEB, foi designada para operar com o Quinto Exército dos EUA que combatia contra a renhida defesa alemã em terrenos montanhosos ao norte de Roma, exatamente quando se iniciava um rigoroso inverno. (SKIDMORE, 2000, p. 173).

Com pouco agasalho e principalmente porque não eram acostumados a esse clima, além de armamentos defasados e com treinamento antiquado, os soldados tiveram que se superar constantemente durante a guerra.

6.6 SEXTO PAINEL: RELATOS DO COTIDIANO DOS SOLDADOS

A participação do Brasil na guerra é por vezes desacreditada. A população desconhece grande parte dos feitos destes heróis. Fome, frio e medo eram constantes, no cotidiano de tropas brasileiras. Na Itália, existem vários monumentos em homenagem a este exército, que além de libertar algumas cidades dos domínios nazistas, ainda faziam todo o possível pela população local⁹.

As imagens deste painel apresentam mais locais de treinamento e alguns soldados em momentos de descontração. Tendo em vista que inicialmente os países aliados se mostraram relutantes com a qualidade do treinamento das tropas brasileiras, após uma batalha perdida com pesadas baixas, a situação começou a melhorar para os brasileiros. A este respeito, Skidmore (2000) completa:

⁹ Dados disponíveis em: <<https://passeiosnatoscana.com/2014/08/12/conhecendo-a-historia-do-brasil-na-segunda-guerra-em-pistoia-monumento-e-museu-da-feb/>>. Acesso em: mar. 2018. Escrito por uma brasileira e uma italiana, a página faz referências aos monumentos italianos que homenageiam os pracinhas brasileiros, evidenciando que além da camaradagem e simpatia apresentados (características típicas), os soldados também dividiam seus alimentos com a população local.

Os brasileiros foram lançados à batalha, com a missão de escalar um precipício no qual os alemães estavam com os canhões em posição dominante. Apanhados no fogo cerrado, sofreram pesadas baixas e retiraram-se desordenadamente. Embora difícil de surpreender, dada à falta experiência de combate e as roupas inadequadas dos soldados, o fracasso nesse primeiro combate foi extremamente perturbador para os comandantes brasileiros, que recorreram aos americanos para ajuda e orientação. (SKIDMORE, 2000, p. 173).

Os treinamentos foram fundamentais para o sucesso dos soldados brasileiros, principalmente os que ocorreram após a chegada ao campo de batalha, proporcionando conquistas importantes a FEB.

Os momentos de descontração mostrados explicitam o fato de que antes de serem soldados lutando, eles eram seres humanos que, por vezes, se sentiam deslocados, com medo e com saudade de casa. Além disso, eram momentos que ajudavam os soldados a esquecerem um pouco das atrocidades que estavam acontecendo ao seu redor. Os relatos presentes no painel expõem alguns acontecimentos por eles presenciados. Como o fato de agirem no policiamento das cidades já dominadas pelos aliados. Os itens expostos junto a este painel, isto é, talheres e equipamentos para alimentação, alguns de fabricação americana, mostram como a cultura americana foi imposta aos soldados brasileiros que obrigatoriamente tiveram que se adaptar a ela, uma vez que a FEB foi incorporada ao 5º Exército Estadunidense.

6.7 SÉTIMO PAINEL: ROTEIRO DA EXPEDIÇÃO

Toda a expedição da FEB na Europa foi caracterizada por infortúnios, desde falta de suprimentos, ao mau treinamento das tropas. Porém, mesmo com todos esses percalços, os brasileiros demonstraram uma determinação jamais vista. Conquistaram vitórias importantes dentro do território italiano, que geralmente vinham de desvantagem bélica frente aos poderes do Eixo, em especial ao exército alemão. De fato, isso era algo muito relevante, as tropas nazistas tinham uma capacidade militar infinitamente maior a dos italianos que por sua vez já não expressava grande poder de fogo. Naquele momento, a Itália tinha parte de seu território ocupado por alemães, o que dificultou as operações da FEB, que mesmo frente a todo o poder do oponente, realizou uma feroz campanha, tendo angariado vitórias decisivas para a conquista da Itália, por parte dos aliados.

O painel sete utiliza-se do mapa como referência, pois além de poder localizar geograficamente o visitante, mostra o roteiro pelo qual passou o grupamento brasileiro. Além disso, possui algumas datações sobre as principais batalhas em que estiveram envolvidos.

Seguindo o conceito da localização na compreensão do fato histórico, os itens expostos nesse painel são selos, cartões postais e salvos-condutos, que remetem a ideia de um espaço histórico criado por sujeitos históricos. Além de mostrar ao visitante o quão distantes de sua terra natal estes soldados estavam sugerir como deveriam fazer para se comunicarem com suas famílias, estes itens remetem a acontecimentos específicos do grupo que lá participou. São elementos relacionados a uma memória específica. Sobre este assunto, Certeau (1994) declara:

[...] o espaço é um lugar praticado. [...] operações que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam “espaços” pelas ações de sujeitos históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história). (CERTEAU, 1994, p. 202-203).

Inclusive, de acordo com o autor supracitado, “os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”. (CERTEAU, 1994, p. 203). Além disso, as cartas eram praticamente a única forma de comunicação dos soldados com suas famílias e constituem um importante registro histórico do acontecimento em questão.

6.8 OITAVO PAINEL: RELAÇÃO DE TODOS OS SOLDADOS QUE SAÍRAM DA REGIÃO DA SERRA PARA LUTAR NA FEB

Encerrando o percurso do museu, temos um painel com os nomes dos 126 homens que saíram da região da Serra Gaúcha e ajudaram a formar a FEB. Voluntários ou não, estes homens correram riscos, passaram necessidades e se sacrificaram. Após o regresso, tiveram que retomar as suas vidas, muitos com sequelas, e até mesmo estigmatizados, mas com a certeza de que foram heróis em um momento que poucos queriam ser.

A maioria das fotos expostas neste painel é recente e tem como um dos objetivos homenagear estas pessoas de uma maneira mais pessoal. As peças expostas com este painel consolidam a memória de participação destes indivíduos,

de uma maneira pessoal, como as plaquetas de identificação individual, ou usando elementos que os identificassem como parte de um grupo específico, como as insígnias da FEB, ou da Força Aérea Brasileira (FAB).

6.9 SALA DE APRENDIZADO

Sala de Aprendizado trata de um espaço de comunicação, que tem por finalidade o aprimoramento do ensino de história. Nela é possível que o visitante faça sugestões para o site, e para o museu físico. Adicione trabalhos realizados a partir de alguma das modalidades de visita, e ainda tenha acesso à questões referentes ao tema, retiradas da internet.

Porém, o mais importante aqui seria ressaltar o fato de que esse recurso funciona como um mecanismo de diagnóstico sobre a eficácia das visitas, virtuais e presenciais. Utilizando-se de perguntas relacionadas ao percurso, é possível ter noção do nível de compreensão do visitante e assim, se preciso, repensar o processo de aprendizagem.

O estudante que visitar o museu deve responder as questões conforme anexo 9, com a intenção de promover uma reflexão sobre o percurso e sobre o conhecimento adquirido por meio do mesmo. A proposta é que o professor, juntamente com o monitor possa garantir que o registro feito será preservado. As questões têm como pretensão avaliar a visita e orientar para o aprofundamento da compreensão do percurso que o museu oferece ao visitante. No começo da visita, virtual ou física, o aluno toma conhecimento de que no final deverá responder algumas questões sobre a visita. Como as questões estarão disponíveis no museu físico também, o aluno pode recebê-las no começo, ou no final do percurso.

6.10 APRESENTANDO O SITE

O site segue a divisão original do trabalho escrito, contendo o contexto da Segunda Guerra Mundial, a história do surgimento do Museu da FEB de Caxias do Sul, o percurso interno do museu, um espaço de interação entre instituição e visitante, uma galeria, uma área com os serviços que ele oferece e uma parte com alguns mapas, possibilitando uma localização geográfica. O site ficará disponível dentro da própria página da Prefeitura de Caxias do Sul. Porém enquanto isso não

ocorre, é possível acessar o site pelo seguinte caminho: Endereço: <<https://pt.wix.com/>>, clicar em: ENTRAR; e-mail: quigriebler@hotmail.com senha: 123456789, clicar em: GERENCIAR E EDITAR SITE; clicar em PRÉ-VISUALIZAÇÃO.

Figura 4 - Página inicial do site



Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

Os elementos presentes na página inicial do site dão conta da história do surgimento do museu da FEB, bem como disponibiliza algumas fotos da sua área externa e também de suas salas internas.

Figura 5 - Contexto da guerra



Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

Na área referente ao contexto da guerra, é possível encontrarmos também alguns documentários, que são exibidos no museu físico, como o *Velhos Heróis* e *O Lapa Azul*, além de outras matérias disponíveis na internet como o filme *A estrada 47* e também o documentário *1942, O Brasil em sua guerra quase desconhecida*.

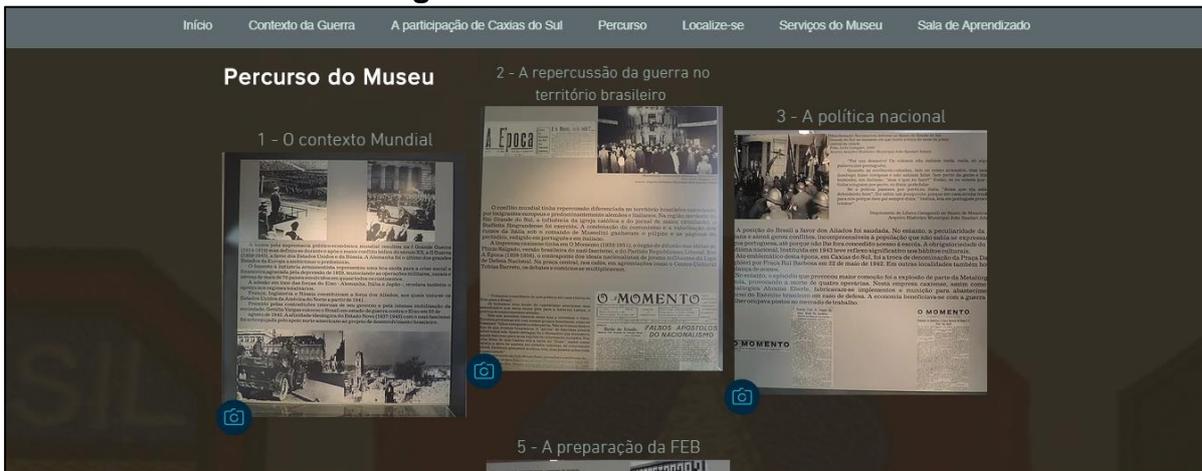
Figura 6 - A participação de Caxias do Sul



Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

Na participação de Caxias do Sul, também está disponível o documentário *Proibido falar Italiano* e o livro *Cabedelo – A odisseia de uma vida*, e ambos encontram-se disponíveis no museu físico. Além disso, há um link com a página da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, onde é possível ter acesso a todos os documentos digitalizados por eles, inclusive a maior parte dos jornais que já circularam pela cidade.

Figura 7 - Percurso do museu



Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

Na página correspondente ao percurso, estão disponíveis todos os painéis da sala de exposição, com os respectivos comentários já feitos anteriormente no trabalho.

Figura 8 – Localize-se



Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

O objetivo desta página é poder situar os alunos espacialmente, conta com ferramentas como Google Earth, e um PDF de um mapa interativo sobre a expansão alemã na guerra. Nesta área também está disponível o documentário *A memória da FEB*, disponível na internet. Além disso, neste espaço encontra-se o link para outros museus da FEB espalhados pelo país. Infelizmente nenhum deles tem site próprio, então as informações sobre as outras instituições são um tanto limitadas.

Figura 9 – Serviços do museu



Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

Na parte de serviços do museu, o visitante tem acesso ao materiais que a instituição disponibiliza para empréstimo, assim como há a proposta de trabalho com materiais que estão disponíveis em sua reserva técnica, porém que ainda não catalogados.

Figura 10 - Galeria



Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

Na galeria, são disponibilizadas todas as imagens expostas no museu, além de imagens de equipamentos expostos por lá além de fotos e imagens disponíveis na internet que foram utilizadas no site.

Figura 11 – Sala de aprendizado

Início Contexto da Guerra A participação de Caxias do Sul Percurso Localize-se Serviços do Museu Sala de Aprendizado

Sala de aprendizado

Este espaço é dedicado à troca de informações, onde disponibilizamos arquivos oriundos também da própria internet, como exercícios sobre o conflito. Também propomos que os visitantes possam contribuir com este espaço, mandando materiais que também possam ser compartilhados.

Arquivo 1 Arquivo 2

Disponibilize aqui você também sua proposta de atividade

Nome *
E-mail *
Assunto
Mensagem

Relate sua experiência no campo acima para a equipe do museu, afim de que possamos melhorar ainda mais as visitas virtuais e também presenciais.

Enviar

Questões acerca da visita ao museu

Fonte: imagem elaborada pelo autor (2018).

Na Sala de Aprendizado é possível comunicar-se com o museu, acessar materiais sobre o assunto, além de contribuir com novos trabalhos e dando sua opinião sobre o percurso. O ponto mais importante aqui é que esta página permite que o museu, tanto físico quanto virtual, estejam em constante transformação e adaptação.

7. CONCLUSÃO

Entender os motivos que levaram jovens brasileiros a lutar contra seus descendentes italianos e alemães, na Europa, foi o motivo de inquietação inicial para o surgimento deste trabalho. Porém, à medida que o processo avançava, a cidade de Caxias do Sul mostrava-se cada vez mais presente nas fontes analisadas, conduzindo o rumo que a pesquisa tomaria. Pesquisando sobre o conflito e sobre a cidade, que também envolveu-se nele por sua vez, acabamos nos deparando com o Museu da FEB, em Caxias do Sul. Entretanto, o fato de haver um museu específico na cidade não dava qualquer garantia que seus cidadãos carregassem alguma memória referente à guerra consigo. Pelo contrário, o que se percebeu foi um distanciamento, ao longo dos anos, entre os fatos históricos da FEB e a memória do povo caxiense. Sabendo que o museu é um lugar de memória e que a memória do cidadão não está habituada aos feitos da FEB, surgiu a ideia de criar uma ferramenta que aumentasse o poder de ação dessa instituição museológica.

Baseando os estudos na utilização dos pressupostos da história social, dividimos o trabalho entre a análise do contexto político nacional e regional brasileiro, a temática dos museus como lugares de memória e também a ferramenta virtual criada, que possibilita uma interação com o visitante, projetando assim um ganho para o ensino da história.

A criação do site foi totalmente baseada na estrutura atual do museu físico, porém com uma maior quantidade de informações, como mapas digitalizados, livros, jornais, links com outros sites e uma pequena coletânea de vídeos, que em sua maioria são disponibilizados na visita ao museu físico.

O espaço dedicado à troca de informações, denominado “sala de aprendizado”, carrega este nome, pois possibilita ao usuário não só a acessar arquivos relacionados ao conteúdo em questão, como também permite a ele anexar novos materiais, buscando ensinar e, ao mesmo tempo, aprender.

A criação do site garante a esta instituição mais uma forma de visibilidade. O ambiente virtual funciona como um material de apoio àqueles que de alguma forma não podem fazer uma visita pessoalmente.

A digitalização do patrimônio histórico cultural é uma forma de democratização dos meios. Uma vez que as novas gerações estão cada vez mais dependentes das

ferramentas digitais, inserir as instituições museológicas nesse meio é potencializar o seu poder de transformação. No que diz respeito à contribuição para o ensino de história, vale ressaltar que esse tipo de ferramenta permite uma adaptação constante do processo de aprendizagem. Além disso, cria ambientes mais convidativos e dinâmicos para os jovens, que por sua vez podem demonstrar mais interesse.

8. REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. **A história nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula.** In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.* Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

ARAS, Lima Maria Brandão; TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza. **OS MUSEUS E O ENSINO DE HISTÓRIA.** Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/publicacoes/periodicosindex.php/FEH/article/viewFile/5466/4372>>. Acesso em: 12 de maio. 2018.

ARIOLI, Alberto. **Cabedelo: A odisseia de uma vida.** 1. ed. Caxias do Sul: Quatrilho Editorial, 2012.

BANTI, Alberto Mario. **L'età contemporanea: dalla grande guerra a oggi.** Bari: Laterza, 2009.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. Sobre o desenvolvimento da região de Caxias do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, Número Especial, p. 421-442, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Centro de memória.** Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional.** Revista do IPHAN, Brasília, n. 23, p. 94-115, 1994.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória.** Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: o que trouxe de novo?** Rio de Janeiro: Record, 2007.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAGAS, Mário. *Linguagens, Tecnologias e Processos Museológicos. Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, 2001. Anais...* São Paulo, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

_____. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra. **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: UFRGS, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**. Volume 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: Le Ya, 2017.

DUROSELLE, Jean Bapstiste. **Todo Império Perecerá**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: ED.USP/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.

FAUSTO, Boris. **O Brasil em busca da modernidade**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. História do Brasil nação: 1808 – 2010. Vol. 4. Olhando para dentro 1930 – 1964. São Paulo: Objetiva. 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, mai./jun. 2000.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, PPG-PMUS Unirio MAST, v. 4, n. 2, 2011.

FRANZINA, Emílio. **A história (quase verdadeira) do soldado desconhecido**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FUNDAÇÃO CECIERJ. **Educação Pública**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_10.html>. Acesso em: 21 fev. 2018.

GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul: Evolução Histórica**. Apresentação de Luis A. De Boni. Caxias do Sul, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o Tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiae**, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 27-46, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAUSSEN, Doris F. **Rádio e Política: Tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

HENRIQUES, Major Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.

HENRIQUES, Rosali. **Museus Virtuais e Cibermuseus: a internet e os museus**. 2004. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa, Portugal, Lisboa, 2004.

HERÉDIA, V.B.M. **O Processo de Industrialização na zona de colonização Italiana**. Caxias do Sul: Educs, 1997.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOHLFELDT, Antonio. RAUSCH, Fábio Flores. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. **Anais...** Brasília, 2006.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. História, ensino e pesquisa em museus: Uma experiência no Museu Histórico Regional (MHR) 2013. **Revista Aedos**, UFRGS, v. 5, n. 12, jan./jul. 2013.

LEAL, Alberto. **Serviço militar obrigatório**: a alternativa adequada. Diretoria de Serviço Militar. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://dsm.dgp.eb.mil.br/destaques/servicomilitarobrigatorio.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

LEITE, Lúcia Silva; CABRAL, Giovanna Rodrigues. O uso de sites educativos na prática docente. 6º Encontro de educação e tecnologias de informação e comunicação, nov. 2008. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos I. da Costa. São Paulo: 34, 2000.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cidade como bem Cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI; SOUZA; BASTOS; GALLO (Ogs.). **Patrimônio: Atualizando o Debate**. São Paulo: 9ª SR/ IPHAN, 2006.

MENDONÇA, Valterian Braga. **A Experiência Estratégica Brasileira na Primeira Guerra Mundial, 1914-1918**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

MOREIRA, Regina da Luz. **Fatos & Imagens > 1944**: O Brasil vai à guerra com a FEB. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>>. Acesso em: 5 set. 2017.

NASCIMENTO, Luiz Augusto Rocha do. **Serviço militar obrigatório no Exército brasileiro**: (re)formando o cidadão. Juiz de Fora: UFJF, 2007. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/SMOEB.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

NETTO, João Brusa. Neutralidade. In: **A Época**. Caxias do Sul, Ano I. N.49, 3 de setembro de 1939.

NEVADO, Rosane Aragon de; BASSO, Marcus Vinicius; MENEZES, Crediné Silva de. Webfólio: uma proposta para avaliação na aprendizagem. Conceitos, estudos de casos e suporte computacional. XV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE - UFAM – 2004. **Anais...** Amazonas. 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. São Paulo, 1993. Revista Projeto História. Vol. 10, dez. 1993.

PASSEIOS Toscana. **A História do Brasil na Segunda Guerra em Pistoia**: Monumento e Museu da FEB. Disponível em: <<https://passeiosnatoscana.com/2014/08/12/conhecendo-a-historia-do-brasil-na-segunda-guerra-em-pistoia-monumento-e-museu-da-feb/>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

_____. **Les lieux de mémoire** – I: La République. Paris: Gallimard, 1984.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTAL Vermelho. **A esquerda bem informada**. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/304294-1>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História. **Revista do programa de Estudos pós-graduados de História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RICOUER, Paul. Três sujeitos de atribuição da lembrança: eu, os coletivos, os próximos. In: _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008. p.130-134.

ROSA et al. **Por que visitar Museus?** Metodologia e Prática do Ensino de História e Geografia. Disponível em: <<http://pedagogiahistoriaegeografia.blogspot.com/2012/09/por-que-visitar-museus.html>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

ROSENHECK, Uri. Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. **Militares e Política**, n. 3, jul./dez. 2008.

RÜSEN, J. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Tradução Marcos Roberto Kunisck. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 7-16, jul./dez. 2006.

RÜSEN, J. História viva. **Teoria da história III**: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução Estevão de Resende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SÁ, Mem de. Aspectos Econômicos da colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: **ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL**. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.

SANTOS, Luciana Ibarra. **Há algo de novo no front:** A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

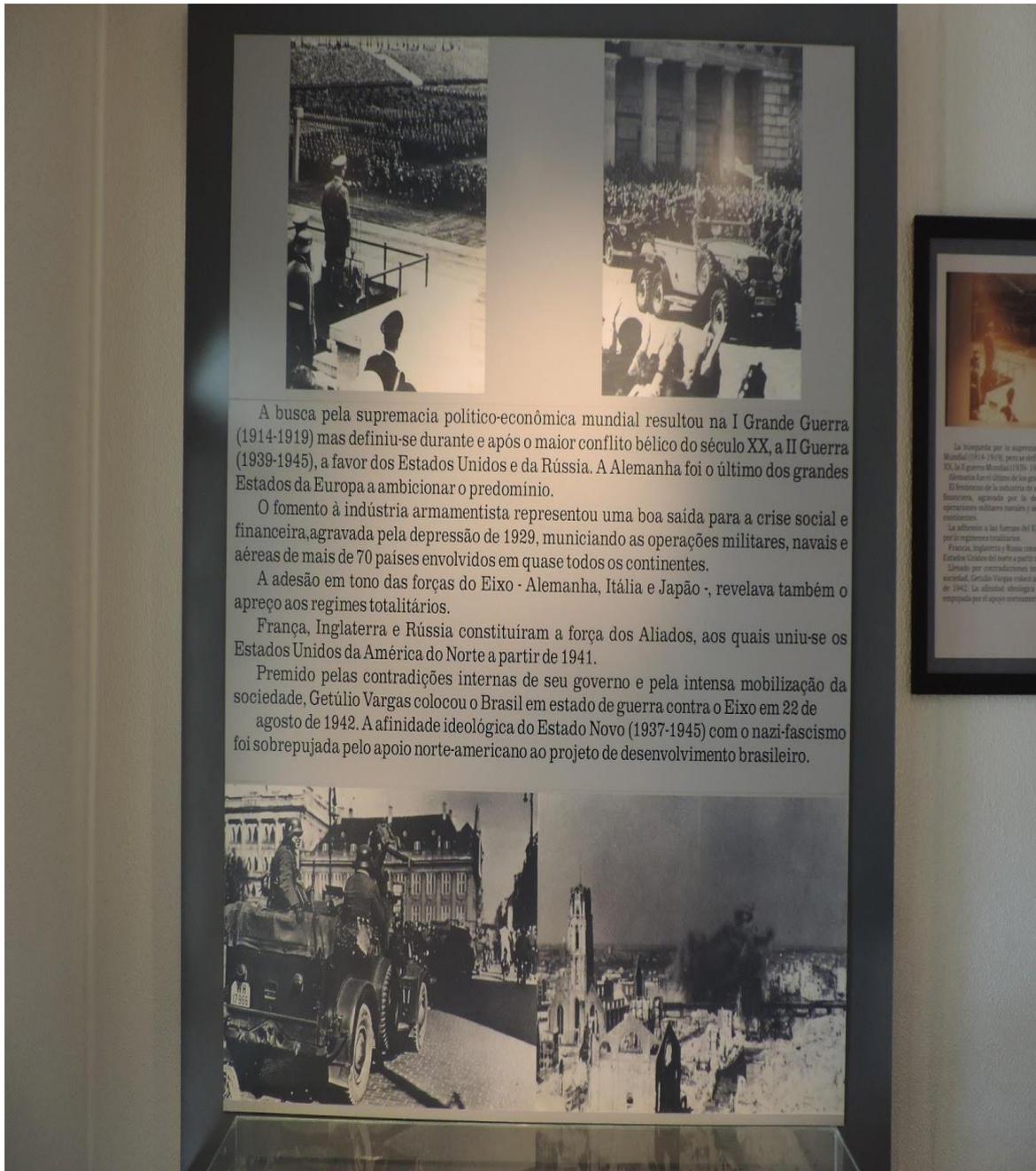
SKIDMORE, Thomas E. **Uma História do Brasil.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TUFTS, Steven; MILNE, Simon. Museums: a supply side perspective. In: **Annals of Tourism Research** 26(3): 613-631, 1999.

UNESCO. Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe (ORCALC), Comité venezuelano do Conselho Internacional de Museu (ICOM), Conselho Nacional da Cultura (CONAC), Fundação do Museu de Belas Artes da Venezuela. **A Missão dos Museus na América Latina Hoje:** Novos Desafios. Caracas, 1992.

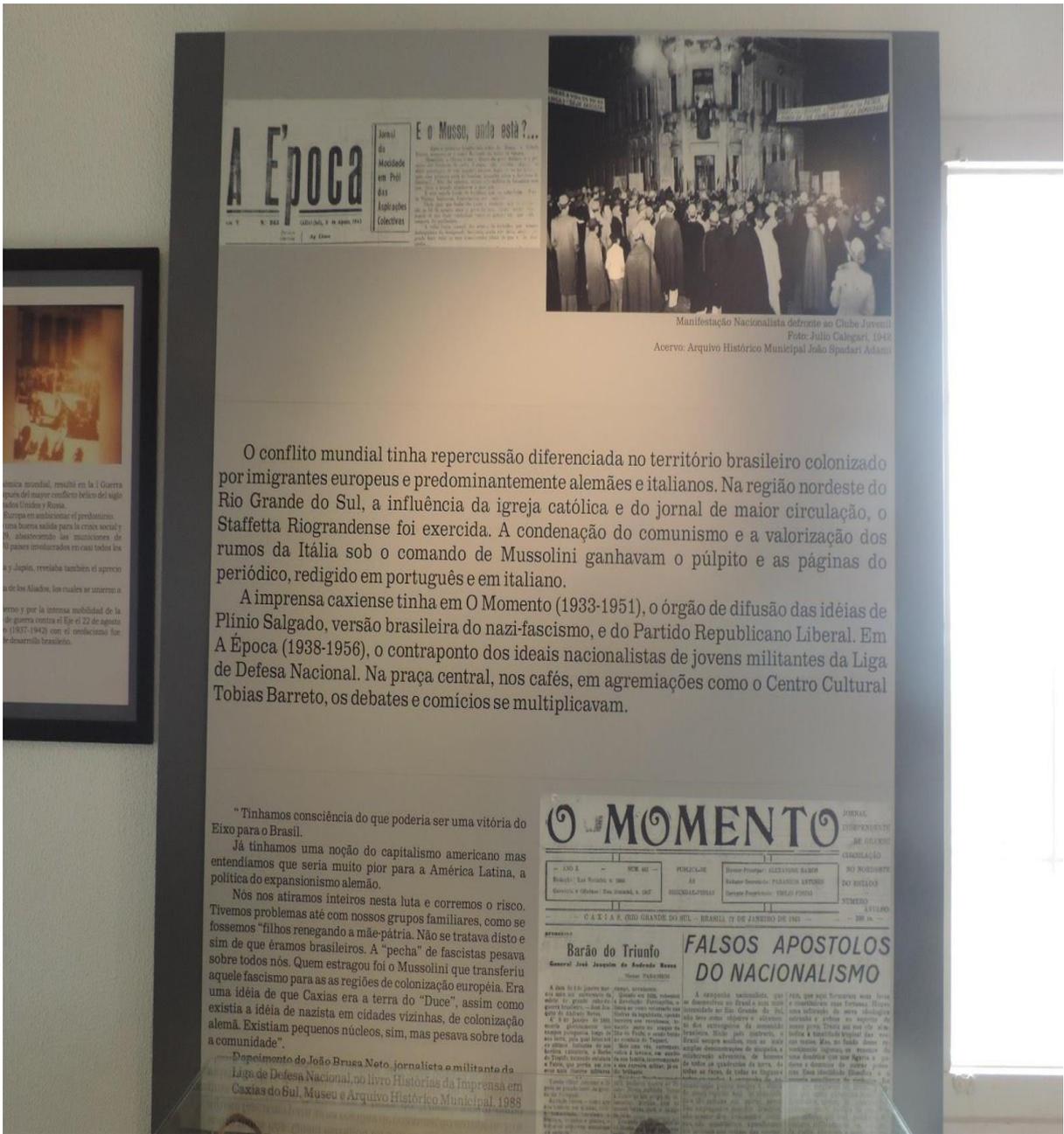
VELLOSO, Monica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Brasil Republicano – vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

ANEXO 1 – PRIMEIRO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU



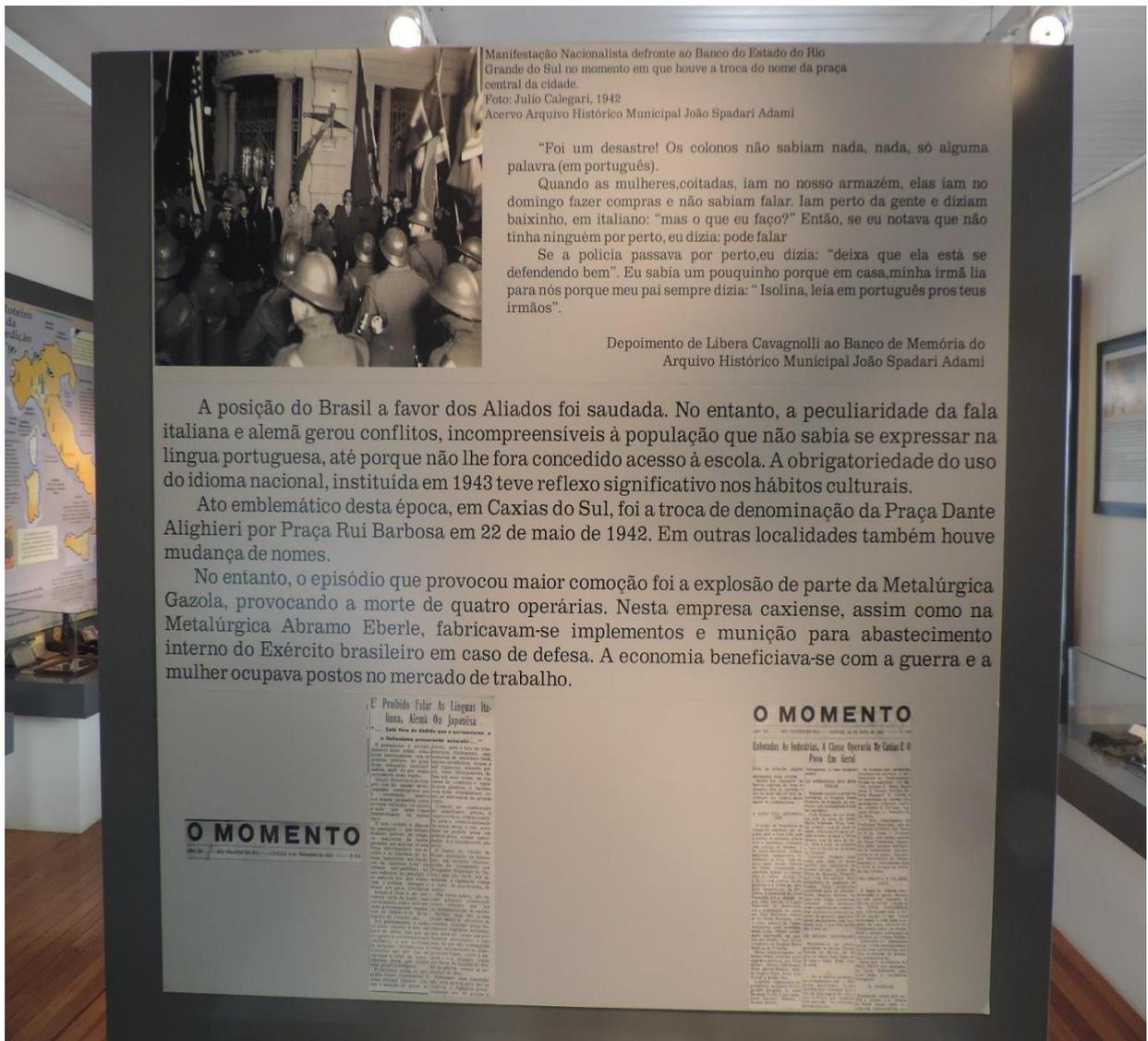
Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

ANEXO 2 – SEGUNDO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU



Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

ANEXO 3 – TERCEIRO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU



Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

ANEXO 4 – QUARTO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU



Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

ANEXO 5 – QUINTO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU

"Na viagem nós conversávamos, conversas de soldado, atochando um para o outro. Quando nós chegamos na Itália, no Porto de Nápoles, eu subi no convés, olhei a cidade toda destruída. Baixei a cabeça e fiquei pensando... Levantei os olhos e disse para mim mesmo: Moreira, agora tu estás vendo o que é a guerra? Fui escalado para a patrulha de reconhecimento, onde a gente não dormia mais e onde se tinha medo. A gente pensava: vem um italiano e me prende, vêm os alemães e nos surram..."




"Eu fui no segundo escalão. Vinha um caminhão do Exército cheio de soldados, quando desembarcavam aqueles, vinham outros e assim foi indo. Fomos em oito mil soldados. Quando embarcou todo mundo e trancaram a porta do navio, veio o Getúlio Vargas que era o Presidente do Brasil e disse para nós: "Deus lhe leve, Deus lhe traga de volta. O nosso navio foi escoltado pelo Zeppelin e por Destroyers."
João Batista Detófoli, Ex-Combatente

Em pouco tempo, a FEB contava com mais de 25.000 homens aptos ao combate, entre os quais 163 oriundos da região nordeste do Rio Grande do Sul.

De julho de 1944 a fevereiro de 1945, embarcaram em navios para a Europa, onde foram incorporados às forças do 5º Exército Norte-Americano comandado pelo General Clark, que lutava na Itália contra os alemães.



"Eu fui feliz para a guerra. E vou explicar o porquê. Quando começaram a afundar navios no nordeste brasileiro, navios com tripulação inocente, indefesa, mulheres, crianças, homens... Muitos conseguiram ficar em cima da água, então o submarino emergia e metralhava o pessoal que estava tentando se salvar."
Antuerpio Nemen, Ex-Combatente



"Eu me alistei como voluntário. Apesar dos apelos dos meus pais, com 18 anos parti para a Guerra, com a convicção de que iríamos ganhar. Achei ultrajante aquela idéia do alemão querer dominar o mundo."
Alberto Arioli, Ex-Combatente



"Eu trabalhava na roça com o meu pai. Com 21 anos fui sorteado para servir no 3º Grupo de Artilharia de São Leopoldo. Depois que o Brasil declarou guerra não largou mais os soldados antigos. Então, vamos lá, fiz a vontade deles."

Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

ANEXO 6 – SEXTO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU

"Quando cheguei o 1º Regimento de Infantaria nós já estávamos acantonado em Camalote, Monte Prato. Depois demos a volta, sempre em direção ao Vale do Pin. O General Mack Clark deu ao nosso General, Mascarenhas de Moraes, a ordem de subir o morro de 1.900m de altura, fazer o reconhecimento. Os alemães estavam um pouco longe do nosso acampamento, e nós, atrás de um paredão, aguardando, ouvindo eles falarem, vendo por onde eles estavam. Ficávamos lá o dia inteiro, se sentamos a noite, fizemos fogo várias vezes. Quando ouvíamos o estalar das bombas era deitar no chão e cuidar para não ficar em cima das minas."

Raimundo Bartolo Barão, Ex-Combatente

"A maior emoção foi a chegada na Baía de Guanabara, de manhã cedo, olhar o Cristo Redentor. Parecia que estava nos esperando. Foi emocionante. Depois o navio ancorou, desembarcamos no Rio de Janeiro e desfilamos na Central do Brasil. Quando começamos a desfilar, dentro de poucos minutos o povo invadiu. Eu tinha a divisa do 3º Exército de honrança, eles arrancaram. Foi assim até a Vila Militar."

Alvaro Batista Rodrigues, Ex-Combatente

"Furam os brasileiros que subiram no Monte Castelo, foram eles que fizeram a patrulha de reconhecimento. A patrulha é a pior missão que tem para um soldado. Na patrulha vão sete, oito soldados na frente para descobrir o inimigo. É difícil... Quem está parado sempre melhora do que aquele que está andando."

Pitilo Micheli, Ex-Combatente

"Quando cheguei em Livorno, fis instrução, que era muito forte. Pediram pessoal para ficar na polícia e eu me apresentei. Se eles (o inimigo) tomavam uma cidade, tinhamos que ir para lá. Nós tínhamos informações todos os dias, se prendessem mais duzias de italianos, chamavam a polícia para buscar. As cidades ficavam desertas. O frad passava e nós ficávamos para acobiar. Havia pessoal morto, ferido, que barbaridade! A nossa vida foi essa, lá."

Alvaro Pereira da Rosa, Ex-Combatente

"Na travessa de Montese, tinhamos que passar por uma ponte. Ela estava toda minada. Mas o Pelotão de caça-minas foi na frente e tirou tudo (...) porque o alemão fazia o seguinte: se tinha uma ponte pra passar, ele abria outra picada e passava por baixo. Nós não sabíamos se a ponte estava minada ou não. Então, lá um pelotão de reconhecimento com aparelhos para retirar os explosivos e dar passagem para a tropa."

Olcese Guerra, Ex-Combatente

"A Itália estava destruída, tinha muitas viúvas, órfãos, o povo passava fome. A gente dava comida para os italianos. Quando os soldados brasileiros passavam, eles festejavam, atiravam flores e diziam: "brasiliens, libertadores d'Italia". Diziam que a tropa brasileira era a tropa das cores, porque tinha soldado branco preto."

Germano Ditoni, Ex-Combatente

"Logo que cheguei tive um acidente, bati a cabeça. Me recuperei mas não fui mais para o campo de batalha. Eu cuido dos feridos. Eu trouxe desonra comigo, de volta até o Brasil, em Natal, Rio Grande do Norte."

Melzi Busalatto

Foto: Acervo do Sr. Alberto Aydt / Departamento do Banco de Managem do Arquivo Histórico Municipal João Capellari, Natal

Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

ANEXO 7 – SÉTIMO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU



Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

ANEXO 8 – OITAVO PAINEL DO PERCURSO DO MUSEU



Fonte: Museu da FEB. Caxias do Sul, 2018.

4 - De que forma poderíamos utilizar o livro do pracinha Alberto Arioli – Cabedelo a Odisseia de uma vida, em uma aula de história?

5 - Dê sugestões para o uso do museu como ferramenta pedagógica.

Identificação do visitante

Escola:

Nome:

Série:

Idade:

Fone:

E-mail: